

Nas margens, no leito seco

Luis Henrique Dias Tavares

Posfácio-Biográfico
Consuelo Novais Sampaio



Nas margens, no leito seco



Universidade Federal da Bahia

Reitora

Dora Leal Rosa

Vice-reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Nas margens, no leito seco



Luis Henrique Dias Tavares

Salvador
EDUFBA
2013

2013, Luis Henrique Dias Tavares.
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o depósito legal
Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto Gráfico e Editoração
Raíssa Ribeiro Silva Santos

Revisão
Isadora Cal Oliveira

Normalização
Sônia Chagas Vieira

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Tavares, Luis Henrique Dias.

Nas margens, no leito seco / Luis Henrique Dias Tavares; [prefácio] Aleiton
Fonseca; [posfácio] Consuelo Novais Sampaio. - Salvador : EDUFBA, 2013.
105 p.

ISBN 978-85-232-1037-3

1. Crônicas brasileiras. 2. Bahia - História - Crônicas. I. Título.

CDD - 869.98

Editora Filiada à



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, S/N
Campus de Ondina
40.170-115 – Salvador – Bahia
Tel.: (71) 3283-6160 / 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

SUMÁRIO



Prefácio	7
Nas margens da narrativa, no leito seco da vida	
Explicação	11
Capítulo 1	13
Menino de recados	
Capítulo 2	17
O menino encontra o sexo	
Capítulo 3	21
Confissão para não escutar	
Capítulo 4	23
O menino deixava de existir	
Capítulo 5	29
Leilão de uma virgem	
Capítulo 6	35
Os casados se inauguram	
Capítulo 7	41
Ilhéus	

Capítulo 8	43
Chegada em Ilhéus	
Capítulo 9	51
Homens para o trabalho nas fazendas de cacau	
Capítulo 10	57
Casados sob a benção de Deus	
Capítulo 11	59
No cartório	
Capítulo 12	63
Retorno para Bahia	
Capítulo 13	69
Na Bahia, na Graça	
Capítulo 14	73
A realidade bate na porta	
Capítulo 15	77
Palavras de mãe, silêncio do pai	
Capítulo 16	81
A morte do Coronel	
Capítulo 17	85
O herdeiro Eduardo	
Posfácio	87
O mestre Luis Henrique	

Prefácio

NAS MARGENS DA NARRATIVA, NO LEITO SECO DA VIDA

Aleilton Fonseca

O escritor e acadêmico baiano Luis Henrique, historiador premiado e ficcionista reconhecido, apresenta-nos nesta novela, intitulada *Nas margens, no leito seco*, uma história que se desenvolve de maneira amena, aparentemente sem conflito e sem problemas, até revelar a surpresa que apanha o leitor desprevenido, levando-o a reinterpretar o enredo pelo seu avesso.

Os fatos narrados se passam nos anos 20, entre Salvador e Ilhéus, envolvendo personagens típicas daquela época de vida social, religiosa e mundana rica em situações prosaicas, capazes de alimentar os enredos mais bizarros e extraordinários. O narrador, homem idoso que se declara “hoje um velho procurando lembrar fatos e pessoas ao longo desta minha vida”, retoma o fio de sua trajetória, em plena adolescência, na passagem para a vida adulta, quando, ainda sob a proteção da mãe viúva, se inicia no trabalho como jornalista e conhece o sexo numa casa de prostitutas, como eram o costume e a norma. Na sua primeira missão de repórter, aliás bastante inusitada, como verá o leitor, o protagonista conhece o amor de sua vida, a jovem Gina, uma italiana trazida a Salvador para trabalhar na casa da Madame Janette, consentida e estimada exploradora de mulheres, situada numa rua do Beco, ao final da Ladeira da Montanha. O próprio narrador assim se apresenta:

Eu cheguei na portaria do Correio de Notícias às 7 da manhã, fui deixado esperando o pessoal da redação, e às oito, com a chegada do noticiarista Domingos Correia, comecei a atividade de menino de recados de um jornal de grande aceitação na Cidade do Salvador.

Eu completara 17 anos. Era mais que menino. Era adolescente. Tinha um metro e sessenta e dois de altura, mulato claro, quase branco, como se fixava na Bahia daquela época a quem possuía pele morena e cabelos pretos escorridos.

Trata-se, portanto, de uma ficção que representa e documenta aspectos gerais da sociedade dos anos 20, na Cidade do Salvador e de Ilhéus, que distam quase um século. O que o leitor contemporâneo encontra neste livro é uma ficção escrita por um autor acostumado a tratar de fatos do passado com perícia, enfatizando detalhes que revelam a mentalidade de uma época, como um inventário de situações de vida que já não são mais correntes, porém documentam os costumes, os valores, a moralidade e as tolerâncias de uma sociedade que só existe nos arquivos e hemerotecas, registrada em páginas dignas da História. O leitor estranhará certas situações, algumas atitudes e determinadas cenas. Mas, ao mesmo tempo, se deliciará com esse estranhamento, ao se deparar com personagens de uma história que somente a ficção consegue fazer aflorar com nitidez em seus enredos e relatos. Afinal, como explica a historiadora e ensaísta Sandra Pesavento, “a literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário”.

De fato, nessa novela a consciência do historiador e a do ficcionista trabalham juntas no tratamento da matéria colhida ao passado e na tessitura da lógica narrativa, juntando informações, profissões, personalidades, ruas, estabelecimentos, jornais, escolas, conventos, prostíbulos, vestuário, comportamentos, ações, atitudes, gestos, vocabulário, expressões e modos de ser que caracterizam a cidade e as personagens de acordo com a época. São situações protagonizadas por homens influentes, jornalistas, fazendeiros, coronéis, padres, donas de casa, mães de família, rapazes, moças casadoiras, serviçais, empregados, prostitutas etc.

Nesse sentido, o leitor percebe a proximidade do texto literário com o estilo do registro historiográfico, podendo confundir, deliberadamente ou não, a ficção com a realidade factual. O texto seria percebido, assim, como um relato de época, de caráter memorialístico ou até mesmo biográfico. Entretanto, a literatura tem seu estatuto próprio de ficção, instituindo-se, sobretudo, enquanto tecido textual. Não é o simples registro de um contexto histórico, mas resultado da imaginação e criação do autor, que reagenda os dados factuais como representação, acrescentando-lhes sentidos para além da realidade que lhe serve de base e substrato.

O ensaísta e escritor Umberto Eco adverte: “Na ficção, as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas que, depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está”. Sem dúvida, o enredo desta novela encaixa-se bem no contexto baiano dos anos 20, retratando-o, aliás, de modo semelhante ao que encontramos na ficção de Jorge Amado, sobretudo no seu romance de estreia, *O país do carnaval* (1931) e em *São Jorge dos Ilhéus* (1944). Observamos a mesma ambiência, a típica vida mundana, a sociabilidade religiosa e política, as viagens de navio entre Salvador e Ilhéus, a presença e o poder econômico dos coronéis do cacau, os idílios amorosos, enfim, a vida amena das personagens, até serem surpreendidas pelos desígnios da realidade ou da fortuna.

O ficcionista Ricardo Piglia adverte que “a literatura é sempre inatural, diz em outro lugar, fora de hora, a verdadeira história”. Quando se encontram os talentos do historiador e do ficcionista no mesmo autor, quase sempre história e ficção se apresentam bem amalgamadas, num estilo que alia o factual e o imaginado em narrativas que informam, divertem, situam e acrescentam, trazendo ao leitor aquela compreensão mais profunda de uma sociedade e sua cultura.

O leitor, ao conhecer a trama da novela, vai conferir a sua situação no tempo e no lugar. O protagonista conta os detalhes de

sua trajetória de vida, situando-a no contexto histórico e social da Cidade do Salvador, nos anos 20. Mas fica claro que a realidade é apenas uma referência, uma inspiração, um motivo para a criação ficcional do autor. Em seu estilo de narrar, o referencial histórico extrapola o seu estado de arquivo, tornando-se dinâmico e dramático. Como historiador e ficcionista, Luís Henrique faz da literatura uma aliada à mensagem e à informação historiográfica, ampliando os recursos que estimulam a compreensão e o envolvimento do leitor. As suas personagens ganham vida e densidade psicológica na trama narrativa. O autor domina sua técnica, conduz o processo narrativo com simplicidade e segurança, dando uma contribuição efetiva e enriquecedora à literatura baiana contemporânea.

Aleilton Fonseca é escritor, doutor em Letras (USP), professor pleno da UEFS; pertence à Academia de Letras da Bahia, à UBE/SP e ao PEN Clube do Brasil. Já publicou diversos livros, abrangendo ensaios, poesia, conto e romance.

EXPLICAÇÃO

É fato documentado que existiu leilões de virgem no Brasil. Foram realizados em prostíbulos pertencentes a judias francesas que deixaram suas famílias no decurso da invasão da França pelo exército alemão comandado por Bismarck. Essas fugas continuaram durante a I Guerra Mundial (1918-1924).

Naqueles anos existiram mais de um prostíbulo de propriedade de francesas na Cidade do Salvador. Um desses se localizava na travessa que ligava a Rua de Baixo de São Bento (atual Carlos Gomes) à Avenida Sete de Setembro. Era bastante procurado por homens que tinham recursos, muitos deles donos de fazenda de cacau ou fazendeiros e comerciantes de café.

Tenho o testemunho de um Dias Tavares que assistiu a um desses leilões em 1923. Ele tinha 17 anos. Era inteligente, comunicativo e alegre. Daí ser bem recebido por prostitutas jovens. Foi ele quem assistiu o leilão de uma virgem trazida de Sergipe.

Devo acrescentar que estive em Florença com minha esposa nas duas semanas finais de setembro de 1959. No fim de uma tarde feia, andávamos no cais, quando nos apontaram um velho de longa barba branca nas margens direita do rio que corta a cidade. Dois jovens florentinos nos mostravam a bela Florença. Foram eles que apontaram o velho e nos disseram que era um viúvo brasileiro que todos os dias caminhava nas margens do rio exibindo a falta que sentia de sua esposa florentina, morta no decurso de uma violenta cheia do Arno.

Capítulo 1



MENINO DE RECADOS

Naqueles dias eu era menino de recados na redação do jornal *Correio de Notícias*. Meu pai, jornalista famoso na campanha de 1919 contra o governador Seabra, morreu de mal súbito, e nos deixou, a minha mãe e a mim, na pior. Foi necessário que a minha mãe fosse nomeada professora de uma escola primária, resultado do empenho da família Saraiva junto a um primo deputado, e que eu saísse de minha vida de estudante no Ginásio da Bahia e procurasse emprego.

Minha mãe falou com um velho amigo do meu pai, o poderoso diretor do *Correio de Notícias*, Mário Campos, e ele lhe disse:

– Por enquanto, dona Maria, só posso garantir o lugar de menino de recados em nossa redação. Mas, quem sabe?, daqui a pouco o Juca torna-se foca e logo chega a jornalista! Que me diz, dona Maria?

Minha mãe respondeu:

– Confio no senhor, senhor Campos. Amanhã cedo o Juca se apresenta.

Eu cheguei na portaria do *Correio de Notícias* às 7 da manhã, fui deixado esperando o pessoal da redação, e às oito, com a chegada do noticiário Domingos Correia, comecei a atividade de menino de recados na redação de um jornal de grande aceitação na Cidade do Salvador.

Eu completara dezessete anos. Era mais que menino, era adolescente. Tinha um metro e sessenta e dois de altura, mulato claro, quase branco, como se fixava na Bahia daquela época a quem possuía pele morena e cabelos pretos escorridos.

Certa tarde dos finais do meu sexto mês de menino de recados, o senhor Campos chamou-me à sua sala e disse-me:

– Juca, você vai levar um recado a Madame Janette. A casa dela fica no beco de Maria Pequena. Sabe onde é?

Parou, olhou-me com sorriso protetor e continuou:

– Conhece a rua Debaixo de São Bento?

– Sei onde é, senhor Campos.

– E sabe o que é o beco de Maria Pequena?

– Ouvi dizer que é rua de mulheres que fazem vida, mas não passo por lá. Sempre vou para casa pela Avenida.

– Pois muito bem, o beco de Maria Pequena é a transversal da rua Debaixo de São Bento que sai na Avenida Sete. Você sai daqui, atravessa a Praça, chega ao final da Ladeira da Montanha e alcança a rua Debaixo de São Bento. Continua andando e pega à esquerda. O primeiro beco que encontrar é o beco de Maria Pequena. Não tem errada. A casa de Madame Janette é a maior e a melhor da rua, bem no fim do beco.

Olhou-me fixamente:

– O recado é: “Madame Janette, atenda todas as vontades do coronel Ramiro”. Memorizou?

Fiz sim com a cabeça.

– Repita.

Repeti: “Madame Janette, atenda todas as vontades do coronel Ramiro”.

– Pois muito bem, pode ir. De lá, vá para casa. Está dispensado de voltar para a redação.

Peguei o meu casaco surrado, vesti, desci a escada do 17 da rua dos Capitães, sede do *Correio de Notícias*, passei para a Praça do Teatro São João, fim de tarde de movimento nas casas de tecidos, roupas e artigos finos na rua Chile, a principal rua comercial da cidade. Continuei andando firme e em poucos minutos alcancei o lado esquerdo da rua Debaixo de São Bento. Quase em seguida estava no beco de Maria Pequena, estreito, pobre e feio, casas térreas de porta e janela, mulheres sentadas nas portas chamando: “Vamos botar?”, e uma casa de quatro janelas e porta larga com a fachada azul.

Bati com os nós dos dedos na porta envernizada. Abriu-se uma portinhola e vi dois olhos vigilantes tomarem o meu rosto. Uma voz indagou:

– Quem é?

Respondi:

– Venho da parte do senhor Campos. Tenho um recado para Madame Janette.

A portinhola bateu. Não demorou para abrir. Entrei, a porta fechou, e deparei-me com uma senhora branca, de sorriso aberto, alta e forte, toda ela um conjunto físico que me lembrou o armário de louças que eu vi na sala de jantar do sobrado do meu avô Miguel Dias da Cunha Saraiva, pai de minha mãe e senhor de família antiga na cidade do porto da Cachoeira.

A senhora distinta falou-me numa língua misturada, bastante estranha, que só reconheci alguns dias depois como uma sopa de palavras em francês e português. Não tenho condição de reproduzi-la, tantos anos já passados, eu hoje um velho procurando lembrar fatos e pessoas ao longo desta minha vida.

Ela disse:

– Entre, menino Sousa Lima. Qual o recado do senhor Campos?

Surpreso por ser tratado com o sobrenome do meu pai, conclui que era a pessoa a quem eu estava destinado a transmitir o recado. E recitei:

– “Madame Janette, atenda todas as vontades do coronel Ramiro”.

Ela virou gostosa gargalhada. Segurou-me pelo ombro e conduziu-me a uma sala de visita em que se encontravam cinco moças bem vestidas e pintadas. Conversavam com educação e recato. Madame Janette deixou-me na frente de uma delas e recomendou:

– Sheila, cuide do menino Sousa Lima.

Capítulo 2



O MENINO ENCONTRA O SEXO

A moça a quem denominara de Sheila levantou-se, apanhou a bolsa, tomou-me pela mão e conduziu-me a um quarto mal iluminado por uma lâmpada fraca no centro do teto. Destacava-se uma cama de casal coberta com lençol alvo cheirando a patchuli. Ela disse:

– Tire a roupa, Liminha.

Segurei-me.

– Para quê tirar a minha roupa?

A moça Sheila deixou o vestido de linho escorrer para o chão, e com um riso que entendi alegre, disse:

– Vou ter a honra de torná-lo homem. Foi esta a ordem de Madame Janette.

Falava e tirava o porta-seio e a calçola. Inteiramente nua, correu a mão nos botões de minha calça curta, firmou-se, soltou o cinto e a retirou com as duas mãos.

Reparou:

– Não usa cueca?

– Ainda não, eu disse.

Ela riu:

– Com estes pentelhos e este pinto desmarcado! Diga a senhora sua mãe que você precisa de cueca.

La falando e correndo os dedos leves no inteiro do meu pau endurecido. Eu, recente punheteiro, calculei que ela ia segurá-lo com a mão direita em concha, mas ela o apertou. Estremeci e esporrei como jamais sucedera na conclusão de minhas punhetas.

– Aí, gemi.

Sheila tirou a minha camisa desbotada, desamarrou os meus sapatos pretos, e concluindo-me nu, jogou-me sobre a cama, apoderou-se de minha mão direita e a colocou sobre as suas partes. Não soube o que fazer. Ela encontrou o dedo indicador de minha mão direita e o colocou na boca vertical aberta e o moveu. Deitou-se de pernas abertas e puxou-me com as duas mãos.

Por fim deitou-se sobre o meu corpo, relaxou e deu-me a impressão de adormecer. Ficou assim alguns minutos. Como se acordasse, deixou o meu corpo, ergueu-se, saiu da cama, nua e ágil, apanhou a bolsa que deixara no chão, tirou um maço de cigarros e fósforos, acendeu um cigarro, tragou, liberou a fumaça.

Soltou fumaça:

– Senti a morte do seu pai como a perda do maior amigo que eu tinha nesta Bahia. Ele era meu conterrâneo, ambos de Salgado.

Respirou fundo, voltou:

– Eu podia ter acabado num puteiro ordinário não fosse seu pai ter-me levado a Madame Janette. Quanto ela me viu chegar pela mão do grande jornalista que me trouxe de Aracaju, eu, moça solteira posta na rua pelo pai, ela se compadeceu, tomou-me ao seu cargo, alimentou-me, vestiu-me e me fez puta de respeito nesta casa onde os fregueses são homens da política e do cacau.

Puxou, engoliu e soltou fumaça. Continuou:

– Madame Janette foi o melhor que podia me acontecer. Ela ensinou-me que a nossa profissão é de grande valor, igual a de médico, até mais, porque nós cuidamos do corpo e da alma dos homens que nos procuram.

Eu, calado, pensava no meu pai, homem que vivia para a família e o jornalismo. Era ruísta, sabia de cor trechos de livros e discursos do Conselheiro Ruy Barbosa. Fez-me ler e decorar a Oração aos Moços. Era homem de poucas palavras, mas carinhoso com o filho único e a mulher, minha mãe, vinte anos mais moça que ele, e brigada com a família porque teimara e se casara com um jornalista pobre e de família desconhecida. Eu acabava de escutar que ele se metia com putas...

Sheila falava:

– Lima confiou-me que amava a mulher, a senhora sua mãe, só que ela era mais jovem que ele, católica e cheia de proibições, só aceitava papai e mamãe, desculpe eu lhe dizer isso, ela parada embaixo, ele por cima.

Eu, calado. Ela disse:

– Fodia com o seu pai uma vez por semana, sexta-feira.

Bateram na porta:

– Sheila, o coronel Ramiro chegou.

Ela pulou da cama, vestiu o porta-seios e a calçola, meteu-se no vestido de linho.

– Vamos, filho de Lima. Vista-se ligeiro.

Abriu a porta e eu a segui vestido e calçado até a sala de visita onde as moças bem educadas e respeitosas conversavam em voz baixa com um senhor alto e branco, metido em roupa de casimira escura, camisa branca de colarinho de pontas e gravata. Madame Janette apareceu na sala com um longo de seda amarelo e comandou:

– Hoje vamos dispensar o trono, querido Coronel. Quero que o senhor se concentre. Amanhã teremos aqui um leilão de cabaço, algo muito especial, uma donzela com atestado médico, moça de não mais que 16 anos.

O Coronel levantou-se e lhe beijou a mão.

– Será como a senhora deseja, Madame.

Ela apresentou-me:

– Este aqui é o Juca, filho do nosso saudoso Lima. Vai ser jornalista como o pai. Veio trazer-me um recado do senhor Campos e já está de volta para o jornal.

Abriu a porta para que eu sáísse. Na porta estava uma moça branca, cabelos louros e olhos azuis, vestido pobre e sapatos velhos. Ela estendia um envelope. E disse, numa mistura com outra língua:

– Capitão Balbino mandou.

Madame Janette respondeu:

– Entre prá cá.

Capítulo 3



CONFISSÃO PARA NÃO ESCUTAR

Saí para o beco e dei os passos que me levaram para a Avenida Sete. E era eu, José Antônio da Cunha Saraiva de Sousa Lima, o Juca, menino de recados na redação do *Correio de Notícias*, e não era eu. Sentia-me diferente.

No decurso de um tempo que eu não conseguia medir, eu conhecera uma experiência que abalara o meu modo de ser e bateira na educação que minha mãe me transmitia, sim, minha mãe, porque o meu pai vivia a vida de jornalista, todos os dias na rua, nas conversas e bebidas com os colegas de jornal e os políticos em evidência, e agora eu soubera, com as putas. Chegava em casa nas horas mortas. Jamais conversamos.

Assim pensando e andando, passei a Praça da Piedade, alcancei a rua Direita da Piedade e desci para a ladeira que levava ao bairro em que ficava a nossa casa pequena no beco do Tira Lama. O bairro chamava-se Barris. Ia se tornando habitável por causa do Colégio das Doroteias.

Minha mãe esperava-me com os olhos no relógio.

– Você se atrasou muito, Juca. O que foi?

Escutei a pergunta como uma pancada no peito. Minha mãe tinha-me ensinado que o disfarce e a mentira são pecados mortais e que eu falasse sempre a verdade, fosse o que fosse.

Eu respondi:

– Fui ficar com mulher pela primeira vez.

Minha mãe olhou-me com os olhos castanhos abertos, amassou com as duas mãos o avental branco de dona de casa, que ela usava sempre, virou-me as costas e se dirigiu para a cozinha, de onde voltou com um prato de sopa.

– Tome sua sopa. Conversaremos amanhã. Boa noite.

Deixou a sala e se fechou no seu quarto de dormir. Eu sentia fome. Sentei-me e tomei a sopa de arroz e caldo de carne em colheres cheias e com ajuda de um pedaço de pão. Quando terminei, recolhi o prato vazio e a colher de sopa, fui para a cozinha, lavei e enxuguei o prato e a colher com os cuidados que repetiam o que eu aprendera com a minha mãe, e os guardei no armário da cozinha com o que sobrara do pão. Sai para o quintal, entrei no banheiro, acendi a luz, tirei a roupa, conferi o balde com água fria, apanhei um caneco, joguei água sobre o corpo, tremi com o choque, joguei mais água, passei sabão, tirei a espuma com novos canecos cheios de água fria, pulei e pulei, para aquecer o corpo, e me enrolei na toalha. Tudo como a minha mãe me ensinara, banhos frios de manhã e antes de ir para a cama dormir.

Fui para o meu quarto, deitei-me nu e dormi pesado e livre.

Capítulo 4



O MENINO DEIXAVA DE EXISTIR

O despertador tocou às 5 da manhã. Levantei-me da cama, apaguei a toalha de banho e o sabão, e corri para o banho de cuia com água fria do balde colocado por minha mãe. Banhei-me sentindo o frio de junho a cada cuia de água que jogava sobre o corpo. Terminei o banho, vesti a pijama, estendi a toalha de banho no varal de roupa no quintal entre o tronco de um pé de carambola e um pau enfiado na terra, e dirigi-me para o meu quarto. Ao passar pela mesa da sala de jantar, já com o meu lugar arrumado ao lado direito da cabeceira, como sucedia todas as manhãs – meu caneco azul de alça, o prato com duas fatias de pão, o bule de café quente coberto, para não perder o calor – vi um papel dobrado metido embaixo do prato com as duas fatias de pão.

Puxei e li: “José Antonio: Fui para o Convento da Lapa. Vá se confessar com frei Eliseu. Sua mãe”.

Não era estranho minha mãe sair para o Convento antes do horário da escola em que ela era professora. Sempre ia se confessar e conversar com as freiras antes de tomar o caminho para a escola no Campo da Pólvora. Mas era muito estranho, muito estranho mesmo, que redigisse um bilhete para o seu filho único com a solenidade de um José Antonio que apagava o Juca, Juquinha que eu escutava desde a mais recuada lembrança de minha infância. Era estranho, mas eu não parei para entender.

Fui para o meu quarto. Vesti a camisa, a calça curta e o blusão surrado da farda do ginásio, e cuidei de tomar o meu café da manhã. Quando terminei, reuni o caneco azul com alça, o prato e o bule com o café quente que sobrara, e coloquei encima do fogão de lenha.

Abri a porta da rua, bati a porta e saí para a igreja da Piedade.

Frei Elias era magro, quase pele e osso. Sentava-se oculto no escuro do confessionário e escutava as confissões em silêncio. Minha mãe e eu confessávamos com ele. Naquela manhã ajoelhei-me, fiz o sinal da Santa Cruz e comecei o meu relato. Frei Elias interrompeu-me:

– Dispensó detalhe. Vá se ajoelhar sobre a pedra de uma sepultura e reze 100 Ave-Marias. Só pode receber hóstia depois de mais cinco confissões.

Fechou o pano vermelho da janelinha do confessionário. Recuei, levantei-me e logo ajoelhei sobre a sepultura de um alguém morto em 1763. A pedra comida pelo tempo doía nos meus joelhos. Rezei contrito do meu pecado da carne, mas me perdi na contagem das Ave-Marias e fui buscar no horário do meu trabalho a desculpa para levantar-me, deixar a igreja e sair correndo na direção do jornal.

Era 7 da manhã. Subi a escada de dois lances que levava à redação e a alcancei para ser surpreendido por faixas coloridas, uma das quais jamais esqueci. Ela proclamava: “Viva o homem realizado”. Seguiu-se o meu nome por extenso. Fiquei respirando da corrida e da escada.

O senhor Mário Campos levantou-se de sua cadeira de chefe e estendeu-me um embrulho:

– Vá vestir cueca e calça comprida. Depois venha escutar a sua primeira missão como foca.

Todos riam na redação. Fui por ali agradecendo e entrei no sanitário cheio de espanto e receio.

Já se passaram muitos anos. Estou hoje viúvo e doente. Mas continuo sem entender aquela homenagem ou comemoração por ter realizado meu primeiro encontro sexual. Seria assim com qualquer outro jovem naqueles dias dos anos de 1920?

Jamais tive resposta, nem coragem para indagar isso nos dias em que foi possível voltar às aulas e seguir adiante para somar um título de bacharel em Direito na minha existência de jornalista e acionista do *Correio de Notícias*.

Volto àquele dia de reconhecimento como homem realizado.

O senhor Campos mandou-me sentar ao seu lado e falou-me:

– De hoje em diante, o senhor passa a foca. Ora muito que bem, sua missão para hoje é cobrir o leilão de cabaço na casa de Madame Janette. Traga-me tudo.

Fez uma pausa e indagou:

– Como está a senhora sua mãe?

– Zangada comigo.

Ele riu:

– Era de se esperar. Como foi?

– Condenou-me ao escutar o meu pecado da carne. Deixou-me com o meu café da noite, fechou-se no quarto, saiu hoje muito cedo e deixou-me um bilhete mandando me confessar.

O senhor Campos soltou uma bela gargalhada:

– Ora muito bem, Juca. E o senhor foi confessar?

– Fui, respondi.

Nova gargalhada, depois a ordem:

– Vá para a casa de Madame. Tome nota de tudo o que acontecer nesse leilão de cabaço. Não sei de outro. Por isso o considero histórico.

E concluiu:

– Você passa a ter 100 mil Réis por mês a contar de hoje.

Eu não estava entendendo coisa alguma. Que significava passar de menino de recado à foca numa redação de jornal? Olhei para a redação, todos de cabeça baixa, escrevendo ou lendo jornais. Todavia notei que o senhor Domingos fazia-me um gesto de chamada. Levantei-me:

– Grato por tudo, senhor Campos. Minha mãe virá agradecer ao senhor.

Ele sorriu.

– Diga-lhe que a espero.

Andei para o lado do senhor Domingos. Ele afastou a cadeira, segurou-me pelas costas e guiou-me para o vão escuro que antecedia a escada.

Disse-me:

– Juca, eu fui muito amigo de seu pai. Ele se foi muito cedo e todos nós perdemos o colega jornalista de melhor amizade. Era legal em tudo. Em memória de seu pai, quero lhe dizer que você tem em minha pessoa um amigo. Pode falar-me o que desejar.

Respondi:

– Agradeço, senhor Domingos, e pergunto ao senhor o que é ser foca. Eu era recadeiro e sabia repetir o que me diziam. E agora, o eu faço?

– Agora você escuta e observa com a maior atenção o que fazem e dizem. Leve papel e lápis. Anote tudo.

Deu uma virada. Foi rápido à sua mesa de noticiarista e retornou com papel e lápis.

– Tome, Juca. São estes os seus instrumentos de jornalista. Não esqueça: papel e lápis na mão. Sempre.

Segurei o que ele me estendia.

– Agradeço, senhor Domingos. Era assim que o meu pai fazia?

Ele riu:

– Lima era um jornalista consumado, Juca. Ele tinha tudo na cabeça...

Mais uma vez senti o que ia me faltar ao longo desta vida: “conversa com o meu pai”. Não recordo uma só vez em que se sentasse com seu único filho ou que chegasse em casa e fosse direto ao meu quarto. Recordo apenas, por ouvir de minha mãe, que ele chegava no fim da noite, início da madrugada, quase sempre direto para o sono. Por isso eu saía para a escola sem fazer o mínimo barulho, minha mãe atenta aos meus movimentos, sistema que se estendeu quando venci a infância, cheguei ao ginásio e enturmei-me com meus colegas no futebol e nos concursos de punheta na beira do Dique do Tororó. Era só escorregar nas encostas dos Barris.

Escutei com atenção as lições do senhor Domingo. Olhei o relógio e considerei que era muito cedo para ir cobrir um acontecimento que só ocorreria de noite.

O senhor Domingos sorriu:

– É cedo para um assunto que acontecerá à noite. Mas o senhor Campos lhe disse para anotar tudo. Talvez incluísse neste tudo o despertar das putas...

Sorriu mais largo e divertido. E disse:

– Vá aprender com a vida, meu caro Juca.

Agradei a atenção que me dedicara e desci a escada que terminava na porta da rua. Olhei para o lado da rua Chile. Vi que as lojas começavam a abrir as portas. Voltei a vista para a massa feia do Teatro São João e andei com passos de decisão para a rua Debaixo de São Bento, naquela hora acordando para as atividades do dia e da noite.

Bati na porta da casa de Madame Janette com as mãos abertas. A porta abriu na quinta batida. Para minha surpresa, total surpresa, apareceu-me a moça branca, cabelos louros, que chegava na hora em que eu saía da casa de Madame Janette.

Ela franqueou-me as portas:

– Pode entrar, disse, numa língua misturada com palavras portuguesas.

Entrei na sala de poltronas e jarros com flores que eu vi de passagem no final da tarde em que inaugurei-me homem, isso na decisão do homem de idade e experiência que me enviou para repetir uma ordem referente a um coronel Ramiro. Eu, menino de recado.

Ela acrescentou, com aquele falar estranho:

– É muito cedo, volte às 3 da tarde.

Aproximou-se num repente e beijou-me.

Saí para a rua com o choque daquele beijo e decidi procurar minha mãe no Convento da Lapa. Fui correndo Ladeira de São Bento abaixo, segurei os pés e o coração para o grande aberto de areia batida que levava ao Ginásio da Bahia. Virei-me para a direita e segui até o portão para acesso silencioso ao entrelaçado do confessionário.

Vi o vulto obscuro de uma freira. Dei o meu nome e disse que vinha buscar a minha mãe.

Uma voz sumida falou:

– Não pode. A professora decidiu ser freira e está rezando e se confessando.

Recuei. Encostei-me na parede e chorei e chorei.

Fui para a nossa casa.

Capítulo 5



LEILÃO DE UMA VIRGEM

Voltei para casa de Madame Janette pouco antes das três da tarde. Ela abriu a portas e recebeu-me como um abraço. Entrei. A sala estava colorida e alegre, com tapete novo, sofá e cadeiras enfeitadas, jarro de flores enriquecido com rosas vermelhas. As mulheres vestiam longos e sapatos altos. Sheila sorriu-me. Senhores solenes apresentavam-se completos, com paletó e calças azuis, colete e gravata. Conversavam com as suas preferidas.

Uma nuvem de incenso cheiroso precedeu a entrada da moça loura às 4 da tarde. Estava vestida de noiva, coroa de flores brancas na cabeça, véu branco, sapatos altos brancos, vistos apenas nos bicos. Sucedeu respeitoso silêncio. Os senhores calaram as conversas. Madame Janette bateu palmas:

– O leilão está marcado para às 6 horas. A noiva vai se recolher e só voltará quando for conveniente. A casa não funciona hoje.

Eu anotava no papel cada gesto e palavra, tudo nos conformes com as lições de senhor Domingos. Em certo instante cheguei à tentação de ir correndo até o *Correio de Notícias*. Estava entre ir e não ir quando bateram no porta. Madame Janette foi abrir e logo revelou um senhor de paletó azul, destaque para diamante na lapela, calça listada, sapatos pretos lustrosos, cabelos penteados. Todo ele perfume. Tinha uma pasta na mão. Eram seis e meia.

A moça vestida de noiva retornou. Logo surgiu um homem gordo com um livro escuro na mão. Apresentou-se:

– Alguns dos senhores me conhecem. No caso de não serem todos, eu tenho a honra de apresentar-me. Eu sou o tabelião de notas Bonifácio Silva. Sou bastante conhecido nesta cidade. Vou presidir o leilão. Um, dois, três, quem dá mais?

Um dos homens sentados levantou-se:

– Muitos das senhoras e dos senhores sabem que sou dono de usina em Santo Amaro da Purificação. Sou neto do Visconde do Bom Tempo. Minha usina está produzindo normal, conforme é do conhecimento da Madame Janette.

O senhor gordo urgiu:

– Quanto o senhor dá pelo cabaço desta moça?

O usineiro respondeu:

– Dou cem quilos de açúcar.

Madame Janette decidiu:

– Recuso. Esta virgem vale mais do que duas sacas de açúcar.

Um jovem magro e alto ergueu a mão:

– Sou dono de loja na rua Chile. Ofereço sociedade a esta moça.

Madame Janette manteve:

– Recuso. Esta virgem vale mais que o tanto que possa render a sociedade em loja.

O homem gordo leiloou:

– Quem dá mais, quem dá mais?

Foi a vez do coronel Ramiro, diamante faiscando, voz alegre:

– Ofereço uma fazenda de cacau em Ilhéus, com safra garantida duas vezes ao ano. Acrescento 100 contos de Réis a esta bela virgem que nos olha com um sim na boca.

Madame Janette dançou as mãos:

– Aceito, Coronel. Pode levar a virgem para o quarto. O senhor é o vitorioso deste leilão.

Todos os homens bateram palmas. Os dois vencidos caminharam para a porta, abriram e saíram para a rua, sem ao menos darem boa noite. O tabelião cochichou com Madame Janette e ela o levou para o secreto do quarto que ela ocupava.

Eu vi uma oportunidade de ir ao jornal transmitir o resultado do leilão. Chamei Sheila com a mão e pedi para informar a Madame Janette que ia ao jornal e logo regressaria. Ela puxou-me pela orelha, abriu a porta e eu saí numa corrida até as escadas do *Correio de Notícias*. Abri a porta, vi que o senhor Mário Campos não estava e caminhei rápido para o lado do senhor Domingos, a quem entreguei

as minhas anotações do leilão. Deixei-o lendo e rindo. Desci as escadas do *Correio de Notícias* e embalei corrida de volta à casa de Madame Janette. Todavia, adianto a manchete que o jornal publicou no dia seguinte: “Coronel do cacau ganha o leilão de uma virgem”.

Cheguei na casa de Madame Janette com os bofes na boca. Bati na porta, Sheila abriu. Logo foi possível assistir a comemoração ruidosa do coronel Ramiro. Ele exibia uma camisola de dormir marcada com sinais de sangue. Ria com todos os dentes. Batia as mãos, a camisola na direita e proclamava:

– Ainda sou muito homem.

A moça dos cabelos louros surgiu sem o vestido de noiva e a coroa da virgindade. Cobria-se agora com robe colorido. Veio assim para o meu lado e segurou a minha mão direita. Madame Janette vibrou:

– Viva o coronel Ramiro! Inaugurou uma linda mulher.

Respirou fundo e repetiu que a casa estava fechada. Todos os senhores apanharam as mãos das suas preferidas, Sheila sorrindo, dengosa, sumiram no corredor. A sala ficou vazia.

O homem gordo puxou uma cadeira para o centro da sala, retirou o jarro com flores e as figurinhas de porcelana que a festejavam, abriu o livro escuro e disse:

– Foi tudo como desejavam. Dou os meus parabéns ao coronel Ramiro, mas vamos aos conformes. Coronel Ramiro e Madame Janette queiram se sentar para ouvir o que tenho para lhes comunicar.

A moça loura puxou-me pela mão e nos acomodamos em duas cadeiras próximas. Madame Janette nos olhou como se fosse reclamar, mas ficou no olhar severo. O homem gordo sorriu:

– Madame Janette sabe que este leilão foi uma afronta às leis do país. Tornou-se questão para inquérito policial, julgamento no Tribunal de Justiça e condenações severas.

Silêncio. O homem gordo voltou:

– A solução que encontrei, foi a doação da fazenda de cacau e cem contos de Réis para uma órfã de pai e mãe, a moça aqui presente. O Coronel justificará a doação por causa do seu espírito cristão.

Madame Janette levantou-se:

– E eu, no que fico? Posso ser ao menos a tutora. Esta moça tem 16 anos.

O homem gordo ensaiou uma careta:

– Será suspeito, Madame. A senhora não tem o menor vínculo de parentesco com a moça. A senhora é estrangeira. Vai dar mais que prisão. Vai dar ser expulsa do Brasil. É o que deseja?

Madame Janette sacudiu a cabeça:

– Deixo o Brasil depois de recolher o dinheiro da venda de minhas casas na Bahia e no Rio de Janeiro e de transferir para a França o dinheiro que tenho no Lloyd Bank. Tenho noivo esperando-me.

O Coronel ergueu a mão direita e disse:

– Confirmo as doações que fiz para esta pobre moça.

O tabelião Bonifácio Silva virou-se para a moça de cabelos louros:

– Qual a decisão da senhorita?

Ela apertou a minha mão e ficou de pé. Falou na sua língua misturada, contudo fácil de entender:

– Não quero ser puta. Vou casar com Juca e sei que o senhor tabelião tem autoridade para nos fornecer certidão de maioridade e de casamento. Se não fizerem como quero, mato-me com este veneno.

Balançou com a mão direita um frasquinho. Desceu um silêncio de Deus. A moça continuou:

– Meu nome é Gina Bartilotti. Sou italiana de Florença.

O coronel Ramiro sentiu o silêncio do Senhor Deus e se rendeu:

– Nada de morte. Seja tudo na paz do Senhor Deus. Vamos obedecer a vontade da senhorita Bartilotti. Eu compenso o senhor Bonifácio pelos atestados que a senhorita deseja. E você, Juca?

Eu não vou escrever que estava sob o silêncio de Deus. Muito pelo contrário, eu estava sob a força de um nada, que se apaixonara pela moça de cabelos louros. Por dentro, sentia a perda de minha mãe. Respondi:

– Caso-me com a senhorita Gina para a ter e proteger com amor ao longo da vida que Deus nos permitir.

Gina mantinha o frasquinho na mão erguida.

O tabelião Bonifácio falou:

– Coronel Ramiro...

O Coronel abriu a pasta, contou notas e notas de contos de Réis e entregou ao tabelião. Ele recebeu, abriu o livro, inutilizou o que tinha escrito e redigiu certidões de maioridade e de casamento para Gina Bartilotti e José Antonio da Cunha Saraiva de Souza Lima. Virou o livro aberto para as nossas assinaturas, Madame Janette e coronel Ramiro como testemunhas. Gina largou a minha mão, mudou o frasquinho para a mão esquerda e assinou. Coube-me assinar em seguida.

Sem largar o frasquinho, Gina recebeu as certidões que o tabelião lhe estendeu. Passamos num repente, eu, dos 17 para 22 anos. Gina, dos 16 para 21, casados. Tivemos a certidão da doação de uma fazenda de cacau no município de Ilhéus.

O Coronel contava notas e notas de contos de Réis. Fez um bolo, dispôs num saco, amarrou e nos estendeu.

– Juca e Gina, aí estão 80 contos de Réis. Vão permitir que dê 20 contos de Réis como presente de vocês dois para Madame Janette.

Gina e eu ficamos calados. Ele contou notas e notas e passou para Madame Janette. Ela apertou no peito. Era tarde. Mais que noite. Madrugada.

Capítulo 6



OS CASADOS SE INAUGURAM

O coronel Ramiro nos mostrou o relógio de pulso. Marcava duas da manhã. Muito tarde.

– Tenho carro esperando-me e os convido para a minha casa. Amanhã tem navio para Ilhéus. Sugiro que me acompanhem. Ainda tenho que lhes passar o registro da fazenda que doe para dona Gina. O registro vai ficar na posse do casal.

Gina decidiu:

– Vamos com o senhor.

O Coronel abriu a porta da casa de Madame Janette, pasta na mão direita, eu com o saco de contos de Réis, Gina com a minha mão e o frasquinho. Caminhamos para a rua Debaixo de São Bento e o Coronel nos conduziu até o Ford 1920 que o aguardava, com o motorista dormindo. O Coronel o sacudiu:

– Acorde, Manoel.

O motorista aprumou-se:

– Às ordens, Coronel. Desculpe, o sono me dominou.

– Está desculpado. Vamos para casa.

O Ford tremeu sob o soluço do motor. Partiu. Muito rápido virou, pela rua da Força, para o largo da Piedade. Pegou a Avenida que doutor Seabra abriu e seguiu para o Campo Grande e a Estrada das Vitória. Chegou ao largo da igreja. Depois virou à esquerda para a rua da Graça, descobriu o largo com a igreja e o convento de Nossa Senhora da Graça e começou a descer a ladeira marcada por casas e casas. Logo após acabar a capela e a casa de repouso dos beneditinos, veio a casa do Coronel. Tinha na frente muro alto com portão de ferro. Manoel parou o Ford e desceu com o motor

trabalhando. Abriu o portão, entrou no Ford e o dirigiu para uma mansão recém-pintada de azul. Estacionou. O Coronel fez um gesto para o acompanharmos até a escada de cinco degraus de mármore, empurrou a porta da mansão e nos franqueou uma entrada que abria para um corredor atapetado, quadros coloridos nas paredes e nova escada com degraus de mármore. Gina e eu o seguimos. O Coronel abriu a porta rosa claro que nos introduziu em um quarto todo azul com larga cama de casal.

O coronel Ramiro estendeu a mão direita:

– É o quarto que a minha filha única ocupa com o marido. O meu fica no térreo. Minha filha e o marido estão da Itália, de onde viajam para a França. Vão demorar. Ela é pintora e o marido, engenheiro. O quarto é de vocês.

Virou-se para Gina:

– Sei que dona Gina está desprevenida de roupas. Minha filha já abandonou tudo que está nos armários. Sirva-se à vontade.

Sorria:

– Boa noite para o jovem casal. Nossa ida para o navio só acontecerá às cinco da tarde. Vou providenciar camarotes para vocês.

Fechou o sorriso:

– Sou viúvo há 10 anos. Tudo o que tenho pertence à minha filha. Peço a Deus que me dê netos.

Fez um gesto de braços abertos e dirigiu-se para a escada. Já descera dois degraus, quando voltou a subir. Informou:

– Ia esquecendo. Saindo do quarto e indo para a direita por este corredor vão encontrar quarto de banho. Também há um armário com bolachas e chocolates. Sirvam-se à vontade. O café da manhã vai das oito às nove. O almoço será servido às 12 e meia.

Entramos e fechamos a porta.

Larguei o saco de contos de Réis sobre a cama. Gina jogou o frasquinho no chão. Segurou-me com os braços e beijou-me. Ambos, vestidos. Caímos na cama. Gina murmurou na sua língua misturada:

– Amor, amor, vamos ser felizes, meu Juca, amor, amor.

Contudo, dopados pelo cansaço e a emoção, dormimos num repente, enlaçados como cipós. Acordei com o sol da manhã batendo no meu rosto. Fui desprendendo-me dos seus braços lentamente. Com igual lentidão e cuidado, levantei da cama. Tirei os sapatos, as calças e a camisa e só de cuecas corri até o quarto de banho. Atendi à bexiga e ao intestino, puxei o cordão da descarga e acionei a torneira do chuveiro. Deixei a água fria cair como jamais sucedera naqueles meus banhos de cuia. Passei sabonete, sacudi a cabeça molhada, chuveiro aberto.

Gina apareceu vestida com o robe e jogou-se sobre o meu corpo nu e molhado. Agora encharcada da cabeça aos pés, robe feito água. Meti as mãos e o arranquei com porta-seios e calçola. Gina surgiu completa, nua, nua, mão no meu corpo ensaboado, minhas mãos no seu corpo, seios e entrepernas. Gina soluçava.

– Sou virgem, Juca. Amor, amor, sou virgem.

Nus e molhados, saímos correndo para o quarto, fechamos a porta e nos perdemos na cama larga, eu sobre Gina, Gina sobre o meu corpo, de novo sob o meu corpo, pernas abertas, eu a penetrei, primeiro impulso sob resistência, depois, livre, livre, eu a penetrei até um ai-ai duplo que nos estirou inermes.

Bateram na porta com força. Gritavam:

– Café da manhã.

Era voz de mulher. Nos viramos, rindo e rindo. Levantei, abri uma nesga da porta:

– Gina vai tomar banho. Não demoramos.

A senhora desceu a escada.

Rindo e rindo, ambos nus, corremos para o banheiro. Eu disse:

– Atenda a bexiga e o intestino, depois, chuveiro.

Voltei para o quarto. Fui aos armários, abri gavetas, localizei toalhas de banho novas, apanhei duas, enrolei uma na cintura, fui a outras gavetas, dei com porta-seios e calçola e voltei para o quarto de banho. Gina estava sob o chuveiro. Estendeu as duas mãos e puxou-me. Deixei cair as toalhas e as roupas e voltamos a nos ter, perdidos um no outro até um gozo que nos fundiu em um só.

Fechei a torneira, apanhei as toalhas, coloquei uma sobre Gina, entreguei porta-seios e calçola, prendi a minha toalha na cintura e rindo e rindo voltamos para o quarto. Gina abriu o armário de vestidos e combinações, preferiu um conjunto azul, inclusive os sapatos. Eu vesti cuecas, calças e camisa, presentes do senhor Mário Campos, e descemos as escadas, enlaçados, rindo e rindo.

Uma senhora de cor nos aguardava ao lado da mesa farta em bolos, bule de café, pães e queijo do reino. Dissemos:

– Bom dia, minha senhora.

E ela:

– Meu nome é Flora. O coronel Ramiro saiu para as providências da viagem. Mandou dizer que a casa é do jovem casal.

Ao dizer “jovem casal”, sorriu, rosto alegre. Completou:

– Vamos almoçar malassada. O coronel Ramiro já estará de volta.

Comemos vorazmente. Bolo de aipim, bolo de milho, tapioca torrada, pão tostado e o queijo, delícia que eu não conhecia, e nos beijávamos e, rindo e rindo, agradecemos a senhora Flora e subimos a escada.

Gina ficou séria. Sentou-se na cama, curvou-se para apanhar o frasquinho que jogara no chão, consertou o corpo e falou na sua língua misturada:

– Juca, amor, só deixei de ser virgem depois de casada com o meu marido Juca. Somos casados na Lei e vamos nos casar com a benção de Deus.

– Sim, eu disse – sou católico praticante.

Gina segurou e apertou a minha mão esquerda.

– Eu não sabia nada de nada deste tal de leilão. Meus pais morreram afogados. Meu pai era construtor de embarcações em Florença. O capitão Balbino tinha avós italianos lá e contratou meu pai para construir navios-gaiolas em Maceió. Eram para navegar no São Francisco.

Parou, as lágrimas escorrendo.

– Meus pais morreram afogados. Nós morávamos na casa do capitão Balbino, que era solteiro. Quando eles morreram, ele disse-me

que ia trazer-me para a Bahia. Conhecia uma senhora italiana que tinha perdido a filha e lhe pedira uma jovem de menos de 20 anos. Disse que ela era viúva e vivia só. Acreditei no capitão e vim com o vestido que minha mãe costurou para os meus 16 anos.

Eu a abracei e beijei.

– Chega, Gina. Eu a amo, amo. Não vivo sem você.

– Eu sei, Juca. Amor, amor, amor.

Bateram na porta. Abri um pouco. Era o Coronel com duas malas, uma em cada mão. Recolhi as malas. Ele disse:

– Trouxe mala para dona Gina colocar o quanto desejar dos armários. Para José Antonio, mala, cuecas, calças, camisas, paletós, gravatas, meias. Agora vamos ao malassada. Vocês se arrumam depois do almoço. Há tempo para o navio.

Vestimo-nos. Gina repetiu o conjunto azul e escondeu o frasquinho no porta-seios. Eu, com calças e camisas novas. A mesa estava posta com toalha de linho bordada, vaso com rosas azuis, pratos, guardanapos e talheres de prata, em destaque o malassada, arroz, abóbora cozida, pirão de farinha de mandioca, largo prato de chuchu e taças de cristal para vinho.

O Coronel nos sorriu com o rosto alegre. Malassada, arroz, abóbora e chuchu. Apresentou-nos o vinho português. Mas o agradecemos. O Coronel não perdeu o sorriso. Passou a garrafa para Flora, que a guardou no armário da sala.

A minha mãe preparava aquele malassada nos raros domingos em que meu pai almoçava conosco. Eu não podia fazer comparação. Elogiei:

– É muito especial, Coronel. Minha mãe o fazia em domingos especiais. Dizia que era criação da cozinheira de sua tia Rosa, Eulália. Meu pai adorava.

O Coronel virou-se para Gina e indagou:

– E a senhora, dona Gina, está gostando?

Gina descansou o garfo no prato e respondeu:

– Sim.

Segurou a minha mão esquerda com a sua mão direita livre e a apertou.

Mensagem? Aviso? Ela estava séria. Retornou ao garfo e continuou com o malassada.

O Coronel falou:

– Vamos sair daqui para o navio. Sugiro ao José Antonio passarmos no Banco Boa Terra para depositar o dinheiro. É mais aconselhável. Fiquem com cinco contos na mala.

Gina decidiu:

– Sim.

Indaguei:

– Dará tempo?

O Coronel informou:

– Será rápido. Já falei com o dono do Banco, o doutor Francisco Guimarães da Costa Fioravanti. Ele nos espera.

Concluímos o almoço. Gina e eu bebemos água. Experimentamos o doce de goiaba, pedimos licença, levantamos da mesa e subimos a escada direto para o quarto. Gina abriu a sua mala na cama, foi aos armários, retirou vestidos, combinações, porta-seios, calçola e meias, experimentou um conjunto e reservou cinco sapatos. Arrumou tudo na mala.

Beijou-me:

– Meu amor, vamos nos casar na Igreja. Deus nos protegerá.

– Sim, minha querida, logo que chegarmos em Ilhéus, nós nos casaremos.

Apertou-me nos braços.

– Cuidado Juca, este senhor não é nosso pai.

Capítulo 7



ILHÉUS

Deixamos o quarto com as marcas de nossa passagem. Pegamos as malas, abri e fechei a porta. Descemos a escada. O Coronel estava na porta com a sua bagagem. O motorista Manoel e dona Flora, ao seu lado.

– Vamos, disse o Coronel.

Virou-se para Flora:

– Qualquer problema, Flora, você sabe como resolver.

Ela respondeu:

– Sei, sim, Coronel.

Sáímos. Manoel arrumou as malas, nós nos abancamos, Gina e eu de mãos apertadas, o Coronel espigado no banco da frente.

Repetimos um largo pedaço do território que rodamos de madrugada até o largo da Graça. Ao passarmos São Bento, o Ford virou direto para a ladeira da Montanha, desceu até a fonte que vertia água e virou para a rua paralela ao cais. Aí estava o Banco Boa Terra. Manoel freou o Ford, o Coronel apontou a minha mala. Eu a peguei. Sáímos do carro, Gina com a minha mão esquerda, eu com a mala na mão. O Coronel apressando os passos até o gabinete do dono do Banco, um senhor solene, cujo nome eu escutara no Ginásio da Bahia, ele catedrático de História. Já estava com tudo pronto sobre a mesa. Nem precisamos apresentar nossos recentes documentos de maiores e casados. Assinei papéis e livros na condição de marido que representava a esposa. O Coronel administrou:

– José Antonio, entregue as notas de contos de Réis, mas reserve cinco contos.

Obedeci.

O doutor Francisco Guimarães da Costa Fioravanti estendeu-me a mão:

– O Banco Boa Terra agradece a confiança. Estejam certos, o senhor e sua esposa, que vamos administrar muito bem o dinheiro de vocês. Venham procurar-me quando regressarem de Ilhéus.

Curvou-se, nos curvamos e fomos para o Ford, Gina sempre com a minha mão na sua mão. Calados. O Coronel nos guiou para o embarque, apresentou as passagens, despachou a mala que o motorista carregara, eu despachei a de Gina e mantive a minha. Assim embarcamos no Prudente III e fomos orientados para o camarote 35. O Coronel ocupou o 37, ao lado. Informou:

– Sempre há um jantar no camarote. Eles batem na porta e entregam. José Antonio e dona Gina, vou lhes dar boa noite e desejar boa viagem até Ilhéus.

Apertou as nossas mãos, curvou-se e entrou no 37.

Capítulo 8



CHEGADA EM ILHÉUS

Gina debruçou-se na murada do Prudente III. Olhava a lenta manobra do navio.

Eu estava grávido de perguntas. Indagava-me sobre a origem do veneno que Gina exibira na cena final do leilão. Bateu-me uma espécie de golpe em minha cabeça, seguida de uma nuvem escura, que cobriu os meus olhos e sentidos e jogou-me para a minha mãe ajoelhada com as suas orações permanentes. Jamais eu lhe indagara porque decidira casar com o meu pai, jovem sergipano cobrindo a festa do 25 de Junho na cidade de Cachoeira, A Heróica. Tudo que eu sabia era que o jovem José Antonio surgiu ali com as credenciais do *Correio de Notícias* que o apresentavam como repórter. Jamais fiz perguntas a minha mãe. Lembrava-me apenas que ela sentou-se ao meu lado em certo dia de festa do Dois de Julho – eu recém-completara 7 anos – e pôs-se a recordar o meu pai olhando-a fixamente na umidade da Praça da Aclamação – sempre choveu muito em Cachoeira no mês de junho –, depois aproximou-se e lhe disse: “Beleza, estou apaixonado por você. Namore comigo”.

Minha mãe falara com o rosário na mão e a cabeça coberta.

Gina voltou para o camarote e viu-me de olhos fechados e cabeça baixa. Indagou:

– Aconteceu alguma coisa, meu amor?

Respondi:

– Estamos no mesmo, minha querida. Eu lembrei-me de minha mãe.

Gina sentou-se na cama, apertou-me entre os braços, como a um filho necessitado de amor maternal. Falou baixinho:

– Eu também estive ali naquela murada do navio vendo minha mãe triste e de olhar comprido para o mar de Maceió. Ela queria retornar para a Itália. Era mais moça do que o meu pai. Ela, uma Rufinni, trazida mocinha para Florença por uma tia casada com um florentino rico.

Eu a beijei na cabeça.

– Eu a amo, Gina.

Ela diminuiu o abraço maternal.

– Vamos crescer juntos, sempre juntos, abençoados por Deus. Não teremos segredos e faremos muitos filhos.

Eu a reclinei e a beijei no rosto. Senti que o navio deixara o cais e avançara no mar. Voltei a beijá-la.

– Sim, meu amor, vamos crescer sob as graças de Deus. Ainda somos muito jovens. Por favor, fale-me de sua mãe.

– Sei apenas que a minha tia a trouxe para casá-la com um irmão do marido, mas a minha mãe preferiu o construtor de embarcações que ela conheceu nas margens do Arno. Minha tia foi contra, mas minha mãe resistiu e casou-se com o meu pai. Fez pausa e falou:

– Fale-me mais de sua mãe, Juca, meu amor.

– Também sei muito pouco. Lembro-me que naquela única conversa, ela informou que desejava ser freira. Não era o desejo do meu avô. Naquele tempo ele era exportador de fumo. Tinha armazém de fumo em Cachoeira e em São Félix e pretendia construir uma fábrica de cigarros na Bahia. Ele desejava que ela se casasse e lhe desse netos. Explico: minha avó Dedé teve sete filhos. Cinco morreram. Dos dois que ficaram, eram minha mãe e o seu irmão mais velho, que veio a ser médico. Foi ele quem fez o parto para eu nascer.

Bateram na porta. Falei:

– Deve ser o jantar.

Gina decidiu:

– Recuse, meu amor. Nós almoçamos bem. Este navio vai balançar e vamos sofrer enjôo.

Efetivo. O navio desceu e subiu. O camarote tremeu. Quase caímos da cama. Ao mesmo tempo escutamos pratos e copos tangidos

para o chão. Apertamo-nos sobre a cama imóvel e dormimos vestidos, apenas sem os sapatos.

Lá por fora ondas altas, navio jogando como se fosse uma canoa no mar bravo.

Acordamos com batidas na porta. Sacudi as pernas para fora da cama, aprumei-me e abri uma nesga. Era o coronel Ramiro. Estava vestido com o apuro de sempre, calça escura, camisa branca, gravata colorida, paletó claro. Sorria.

– Bom dia, José Antônio. Como está, dona Gina? Estamos perto de Ilhéus. Preparem-se.

Falei com voz de sono:

– Vamos nos sacudir, Coronel. Não demoramos.

Fechei a porta. Gina estava sentada na cama.

– O que foi, meu amor?

– É o coronel Ramiro. Avisa que estamos chegando.

Gina saiu da cama. Aprumou-se sobre as pernas. E disse:

– Vamos reunir as nossas coisas, meu amor.

Colocamos os sapatos. Acertamos nossas roupas com as mãos. Arrumamos nossas coisas. Abri a porta. O Coronel ali estava, as suas coisas arrumadas, o navio avançando sobre um mar mais calmo. Sol fraco, mas firme. Não demorou para o Prudente III passar as três ilhas que batizavam a cidade com o nome de Ilhéus. Muitos outros passageiros estavam como nós, aprumando-se entre a murada do navio e as portas dos camarotes. O Coronel permanecia com o sorriso:

– Dona Gina e senhor José Antônio, temos uma canoa grande nos esperando. É minha. Tem dois canoeiros de confiança, bons em tudo. Podem confiar.

Gina disse:

– Confiamos, senhor Coronel. Deus está conosco.

Ele voltou:

– São meus convidados. Vão ficar no meu sobrado. Vejam agora como as canoas se acertam ao lado do navio.

Eram canoas e canoas, homens manejando remos, o navio parado sob um dia que nascia com o sol sobre nuvens de chuva.

O Coronel batia as duas mãos e debruçava na murada:

– Tonho, Ângelo, aqui.

Vimos dois homens de calças curtas agarradas nas pernas de tanta água. Manejavam uma canoa comprida e forte, maior que outras, o que lhes permitia usar os remos para garantir proximidade com o navio. Marinheiros jogavam escadas de cordas. Reservaram duas. Gritavam:

– Pode vir, coronel Ramiro, estamos segurando.

Foi nesta aventura que vencemos a murada. Os canoieiros trabalhando os remos, as escadas de corda balançando. Gina primeiro, logo eu, nossas coisas amarradas, eu com a maleta de dinheiro presa na mão. Por fim, Gina e eu na canoa, o Coronel por último, três marinheiros nos ajudando, a canoa virou para o largo e avançou. Era Pontal, o porto de Ilhéus. Nada de cais, só armazéns de cacau destinado à exportação. Na terra firme, enfileiravam-se cavalos selados, carroças e três Fords. O Coronel apontou:

– Aquele primeiro é o meu. Vamos para a cidade de carro.

Desembarcamos da canoa, todos molhados. Gina com o vestido colado no corpo, abraçou-me:

– Ah, meu Juca, só por você.

– Por você, meu amor, só por você.

O Coronel nos orientou para o carro, carregadores com as bagagens, eu com a maleta na mão, entramos no Ford. O Coronel nos apresentou ao motorista:

– São nossos hóspedes, Antônio. E lá por casa, tudo arranjado?

– Tudo bem, Coronel, dona Tibéria não falha. Tem a mesa posta e tudo o mais arrumado.

– Assim seja, disse o Coronel.

Rodamos por caminhos sem calçamento e entramos numa área formada por um conjunto de sobrados, casas baixas, lojas, um hotel, uma farmácia e uma igreja.

Gina disse:

– Logo, logo, Coronel, queremos nos casar com a benção de Deus. Antes do Cartório de Notas, a Igreja.

O Coronel falou:

– Vou procurar o padre Mário logo depois de nos acomodarmos.

Casamento religioso é casamento religioso, dona Gina.

Gina beijou-me:

– Ah, meu Juca, Deus nos abençoará.

O Ford parou na frente de um sobrado. Chovia fraco. Eu com a maleta, Gina apertando as duas mãos sobre o vestido encharcado de água. Entramos por uma larga porta franqueada por uma sorridente mulher negra. Ela tinha as mãos abertas no conhecido gesto:

– Entrem, entrem.

Logo nos orientou para a escada e dali para o quarto de cama larga e pronta. Ela ria:

– Sou Tibéria. Tem banheiro e sanitário no lado esquerdo do quarto. Vou descer para cuidar do café.

Desceu. Logo apareceu um senhor de idade carregando nossas coisas.

– Bons dias para o senhor e a senhora. Eu sou o velho Nonô.

Colocou nossas coisas sobre duas cadeiras de braço, meu saco de contos de Réis entre elas. Desceu.

Gina indagou:

– Vamos ao sanitário?

– Vamos. Primeiro a minha Gina.

Gina abriu a porta e saiu. Não demorou. Foi a minha vez da corrida para atender as necessidades. Eu as atendi e retornei para o quarto. Gina colocava sobre a cama porta-seios, calçola, meias, sapatos, vestidos. Segurou minha mão esquerda, puxou-me para ela e abraçou-me forte. Beijou-me e sussurrou no meu ouvido:

– Vamos tomar o café, meu Juca, depois subimos e faremos o nosso primeiro filho.

– Certo, minha Gina.

Descemos. Ali estava a mesa sortida, Tibéria, um sorriso só, leiteira e cafeteira cobertas, cuscus, bolos, mingau de tapioca. O Coronel sentou-se, sorriso aberto.

– Sirvam-se a vontade. Estão em casa. Almoço às 12h30.

Fomos ao mingau, em seguida ao bolo de aipim. Tibéria descobriu a leiteira e a cafeteira, virou nossas xícaras de louça azul, serviu o primeiro gole quente com o sorriso de quem se sente compreendida e compensada. O Coronel falou:

– Vou conversar com o padre Mário. Sugiro que descansem desta travessia. Foi braba!

Qual descanso. Subimos a escada, abrimos a porta do quarto, Gina a fechou com a chave, puxou-me, foi direto ao cinto da minha calça, desabotoou, puxou a minha cueca, segurou o meu pau, largou, meteu a mão na saia e a arrancou com a calçola e o porta-seios – o frasquinho de veneno pulou longe. Gina deitou-se comigo por cima.

– Juca, meu amor, venha, venha.

Assim nos possuímos com uma quase fúria de nossos sexos, orgasmos gritados, longos e profundos, corpos largados sobre a cama. Gina caiu no sono. Eu não sei se dormi. Faço um esforço e relembro uma verdadeira mistura de sonho e pesadelo. Primeiro, a visão do verde em arbustos ajardinados, depois árvores, folhas soltas sob a força dos ventos. Seguiu-se a visão de enorme cachorro negro, focinho cumprido, boca aberta, língua caída, transformando-se aos poucos em estranho monstro, dentes e patas que sacudiam como se fossem caudas. Acordei. Gina dormia como anjo, respiração calma, olhos fechados, lábios formando alegre sorriso. Levantei-me com o maior cuidado, forneci-me com toalha de banho, apanhei a cueca e saí para o banheiro. Ao voltar para o quarto, encontrei Gina de robe colorido e sorriso nos lábios. Colocava sobre cama um vestido alegre, combinação, porta-seios e calçola, tudo novo. Puxou-me e beijou-me.

Falou:

– Fizemos nosso primeiro filho, meu amor. Vou ao banho.

Saiu. Olhei em torno. Vi o frasquinho no lugar em que caíra. Não apanhei. Olhei o despertador na cabeceira da cama: marcava 12h15. Abri minha mala, recolhi nova calça, camisa, gravata, paletó. Gina voltou. Beijou-me, abriu a toalha para que a assistisse nua,

sacudiu-se, virou-se, balançou os quadris como se fosse a sequência de uma dança, abriu os braços, desceu, subiu, parou. Naqueles movimentos deve ter avistado o frasquinho, porque correu para aquele lado, curvou-se e falou:

– Eu lhe disse, meu Juca, que não tínhamos segredos entre nós. Veja, este é o frasquinho de veneno que eu agitei naquela noite. Não tenho segredos para você. Foi o capitão Balbino quem me deu e revelou-me que pertenceu ao meu pai.

Pulei, fui aos seus braços abertos e a apertei nos meus, eu de cuecas, Gina nua, pedi:

– Jogue isto fora, meu amor.

Bateram na porta.

– Almoço, almoço.

Era Tibéria, quase às gargalhadas. Chamava:

– Venham para o meu cozido de peru, pombinhos.

Respondi:

– É só um instantinho, dona Tibéria.

Gina soltou-se de meus braços, frasquinho na mão direita, apanhou o porta-seios, vestiu, colocou nele o frasquinho, rápido, rápido, deu uma corrida de dedo no meu aparelho de pé fora da cueca e rindo e rindo se vestiu.

– Vamos, Juca, meu amor, vamos ao cozido de dona Tibéria.

Terminei de me vestir, nos enlaçamos, Gina rindo e rindo, descemos a escada.

Capítulo 9



HOMENS PARA O TRABALHO NAS FAZENDAS DE CACAU

O coronel Ramiro cumpriu a promessa. Comunicou que teríamos o nosso casamento às 11h da manhã do dia seguinte, seguindo-se almoço festivo. Gina e eu escutamos essas providências do Coronel e agradecemos. Gina disse:

– Sou feliz com o amor do meu Juca. Agradeço por tudo o que o senhor fez para o nosso casamento com a bênção de Deus.

O Coronel desculpou-se no final do almoço por nos deixar sem a sua companhia. Tinha afazeres obrigatórios, mas determinara que o Velho Nonô nos mostrasse Ilhéus. Deu-nos boa tarde e saiu no Ford com o motorista Antônio.

Dona Tibéria abraçou Gina:

– A senhora é muito bonita, dona Gina. É uma boneca, com estes olhos azuis e este cabelo de ouro.

Ria com alegria:

– Deus os mantenha no amor, senhora Gina e senhor José Antônio.

Elogiamos o cozido e saímos com o Velho Nonô para a tarde de sol na cidade dos Ilhéus, as ruas sem calçamento, chão batido e firme. Gina desejou conhecer a igreja. Estava fechada. Ela não se interessou pelo comércio. De repente, vimos um grupo não pequeno de homens arranchados no pedaço da praça coberto de árvores.

O Velho Nonô informou:

– São homens para o trabalho nas roças de cacau. Muitos vêm a pé de Sergipe. Chegam aqui arrancham na praça e esperam que os chamem para a colheita e a secagem do cacau.

Tirou o chapéu de palha e o balançou para um lado e outro.

– Tem aqueles que são do clavinote e vão ser capangas de Coronel, jagunços, como se diz.

Cruzou dois dedos sobre os lábios:

– Esconjuro, são do Demo.

Fez uma pausa e voltou:

– Eu sou da Bahia. Nasci de mãe escrava e fui moleque livre do Senhor, o avô do Coronel. Ele veio ser dono de fazenda de cacau nos Ilhéus e trouxe-me. Nunca estive nestas coisas. Sempre fui do trabalho de casa, primeiro, com o avô do Coronel, adpois, com o pai do Coronel. Sempre fui da paz do Senhor.

Sentamos num banco da praça. O Velho Nonô fez a obrigação de manter-se de pé. Gina moveu-se mais para o meu lado, fez uma vaga no banco e disse:

– Nada disso, senhor Nonô, sente-se conosco.

Ele sentou-se, recatado, cabeça descoberta.

Gina perguntou:

– Quem fez as dez fazendas de cacau do coronel Ramiro, seo Nonô?

Ele respondeu:

– Não sei. O avô dele também se chamava Ramiro. Comprou a primeira fazenda de cacau quando era dono de engenho em Santo Amaro. Ouvi dizer que as coisas não iam bem por este lado das canas e que o seo Ramiro vendeu tudo para comprar fazenda de cacau. Adepois, sucedeu o filho dele, o pai do Coronel, até chegar a vez do Coronel. Ele herdou duas.

Gina manteve as perguntas:

– O Coronel não tinha irmãos e irmãs?

– Foi sozinho. Quando casou com Dona Senhora, ela trouxe mais três fazendas.

Gina correu o dedo pela testa e falou:

– Fazem cinco, seo Nonô. Com foi que o Coronel chegou a dez fazendas?

O Velho Nonô coçou a cabeça branca.

– Sei não, dona Gina. Sempre fui da casa. A mulher do Coronel era daqui. Ela era severa e cobrava mais fazendas.

Gina voltou:

– E não tiveram filhos? Só a filha pintora?

– É deveras, dona Gina. Tiveram três, dois morreram mocinhos, só ficou a moça, que não é destes lados, é só da capitá.

Eu só fazia escutar as perguntas de Gina e as respostas do Velho Nonô. Não entendia onde Gina queria chegar. Movi-me, aproximei-me mais e sussurrei no ouvido de Gina:

– Por que as perguntas, Gina?

E ela, de pronto:

– Por causa da nossa, meu Juca.

Ela ria aquele riso de encantar. A tarde amainava. Havia um certo rebuliço para o lado dos arranchados. Homens bem vestidos estendiam os dedos e o grupo de arranchados se dividia em outros menores. O Velho Nonô apontou e disse:

– São donos de fazenda escolhendo trabalhadores, dona Gina.

E Gina, rindo e rindo, perguntou-me:

– Vai chegar a vez de escolhermos os que vão para a nossa, Juca?

Não respondi. Gina calou novas perguntas. Voltamos para a casa do Coronel. Dona Tibéria nos recebeu com a alegria de sempre e a mesa com chocolate quente e mingau de tapioca. Aceitamos. Fizemos a merenda com agradecimentos e subimos para o quarto nos beijando. Quando fechamos a porta, eu disse:

– Gina, meu amor, eu não quero ser proprietário de fazenda de cacau. Quero voltar ao estudo e ao trabalho de jornalista.

Gina riu, abraçou-me forte e falou:

– Eu quero ter filhos com o meu Juca e cuidar de nossa casa. Nada de fazendas. Só o meu Juca, filhos e casa.

Daí tiramos nossas roupas – o frasquinho pulou do porta-seios para o chão – e nos possuímos com o ardor da primeira noite. Descansamos um pouco, depois tomamos banho, com a festa de nos ensaboarmos e nos possuímos com o chuveiro aberto. Em seguida nos enxugamos com as toalhas abertas. Voltamos para o quarto. Gina vestiu a calçola e o porta-seios, o frasquinho recolhido do chão para o calor dos seios. Estirei-me nu e a assisti na escolha de

um conjunto para a cerimônia do nosso casamento. Gina se deteve em um vestido todo azul, não comprido, mas composto. Primeiro o estendeu na cama e o apreciou. Depois o sacudiu e o vestiu. Perguntou-me:

– Que tal, meu Juca? Não é vestido de noiva, mas...

– Está decente e bonito, meu amor.

Eu ia dizer que ela já se vestira de noiva e que aquela vez proibia outra. Mas tive um raio humano de inteligência, amor e bom senso. Calei-me. Ela inclinou-se e beijou-me.

– Vou com este vestido azul, meu Juca.

Serena e bela, indagou:

– E o meu Juca, já escolheu terno e gravata?

– Não escolhi, meu amor. Tenho na cabeça um conjunto escuro que lembra o meu pai solene para uma cerimônia de homenagem a Ruy Barbosa. Está na mala que o Coronel deu-me de presente.

Ela inclinou-se inteira, puxou-me com os dois braços, eu nu e com evidente ereção.

– Meu Juca, meu amor, vamos ter a benção de Deus e vamos ter muitos filhos.

Deitamo-nos, mas não voltamos a nos ter. Só nos apertamos um no outro, eu tomado da minha vertigem de perguntas contidas.

Bateram na porta. Era a alegre dona Tibéria:

– Hora da janta, pombinhos.

Descemos abraçados e rindo, a mesa posta com imensa variedade de pratos quentes e novos bolos e doces. Olhamos um lado e outro e não vimos o Coronel. Perguntei:

– E o coronel Ramiro, Dona Tibéria.

Ela respondeu:

– Pedes desculpa pela ausência. O Coronel precisou ir até a fazenda. Vai demorar. Passou por aqui e mandou-me repetir à dona Gina e ao senhor José Antonio que está tudo certo para a cerimônia de amanhã. O Velho Nonô foi com ele. São como irmãos, com as diferenças, como mandam as coisas.

Comemos um pouco de cada prato, cheios de sono como estávamos. E subimos para dormir. Gina dormiu direto, só com camisola sobre o corpo, o frasquinho colocado debaixo da roupa determinada para o casamento. Eu dormi com a mistura de sonhos e pesadelos, um desses, minha mãe vestida de freira, cercada de velhos e mendigos, com uma cesta larga na mão direita cheia de pão e pedaços de carne. Acordei. Gina dormia a bom dormir, sorriso leve nos lábios. Fechei os meus olhos para esperar o novo dia.



CASADOS SOB A BENÇÃO DE DEUS

O Coronel nos esperava para o café da manhã com um buquê de rosas brancas para Gina.

– Para a noiva-menina, disse, com o rosto aberto.

Gina agradeceu e segurou o buquê com as duas mãos.

Coube-me falar:

– Bom dia, Coronel. Bom dia, dona Tibéria e senhor Nonô.

O Coronel falou:

– Muito bom dia, senhor José Antônio e senhora dona Gina.

Completei:

– Gina precisa do véu.

– Fácil, vou providenciar entre as coisas de Senhora.

A alegre Tibéria e o velho Nonô sorriam.

Subimos, ajoelhamos ao lado da cama, descemos as cabeças e rezamos. Em seguida, começamos a nos vestir. Nesses movimentos, eu vi Gina retirar o frasquinho de onde o colocara e remover para a mala. Não fiz perguntas. Nós estávamos prontos às 10h30, Gina perfumada com o alfazema que encontrara entre as coisas abandonadas pela filha do Coronel. Descemos. O Coronel agitava véu e grinalda, dona Tibéria vestida para a igreja, o Velho Nonô de calça e paletó e sem o chapéu de palha.

O coronel Ramiro convidou:

– Vamos no Ford. A igreja é quase ao lado, mas vamos no Ford. Antonio, Nonô e eu, na frente; dona Gina e o senhor José Antônio sentam-se atrás com dona Tibéria.

Entramos no Ford, todos apertados, minha mão na mão de Gina. Um percurso pequeno. Eu estava tomado pela falta de minha mãe.

O quê estaria acontecendo no Convento? Será que a minha mãe se lembrava do seu filho ou o renegara para sempre? Tudo muito difícil. Eu revia minha mãe nos cuidados com o seu Juca, nada de carinhos, só cuidados com os meus estudos no ginásio e depois com os meus horários de trabalho. Por certo que ela não concordaria com as decisões que mudaram tudo que ela sonhara para o seu filho único. Fechei os olhos e vi minha mãe ajoelhada na frente da pequena imagem de Cristo crucificado que o meu pai lhe ofertara quando se instalaram na casa dos Barris.

O Ford parou. Descemos. Gina de véu e grinalda, buquê de flores na mão, eu, roupa de cerimônia e gravata. A igreja não estava cheia, mas tinha os cinco primeiros bancos ocupados, altar iluminado e florido, o padre e dois coroinhas. Fomos à frente com os passos medidos. As pessoas ficaram de pé. Algumas senhoras de véu, todos vestidos para um casamento.

O padre Mário recitou:

– Gina Bartilotti, recebe José Antônio da Cunha Saraiva de Souza Lima como seu marido?

Gina disse:

– Sim, juro amá-lo para sempre.

Foi a vez de meu segundo sim. O padre Mário concluiu:

– Eu os declaro casados na comunhão do Senhor e nas leis de Deus.

Gina virou-se sorridente para um grupo de moças, ficou de costas e jogou o buquê de flores. Elas se movimentaram e uma jovem morena pulou e recolheu o buquê no ar.

Fez-se uma fila e fomos abraçados. Primeiro, o Coronel, depois, as senhoras, senhoritas e senhores ali presentes, dona Tibéria e o senhor Nonô. A todos o Coronel repetiu o convite para o almoço, uma senhora feijoada que foi devorada com cerveja e suco de laranja. Depois, doce de chocolate.

Capítulo 11



NO CARTÓRIO

Fomos para o Cartório de Títulos quase em cima das quatro da tarde. O tabelião chamava-se Reinaldo Seixas, um homem de cor. Ele nos esperava com o Livro de Notas aberto nas duas páginas que leu, doação de tantos e tantos hectares plantados com pés de cacau para Gina Bartilotti da Cunha Saraiva de Souza Lima e o seu marido. Quando ele concluiu a leitura, Gina virou-se para o coronel Ramiro e falou:

– Coronel, Juca e eu não queremos ser proprietários de fazenda de cacau. Juca vai continuar jornalista e voltar aos estudos. Eu quero ser mãe e ter muitos filhos, não podemos vir para Ilhéus.

O coronel Ramiro nos olhou detidamente, passou a mão na testa e se dirigiu ao tabelião:

– Como devo proceder, Reinaldo?

O tabelião estava sério:

– A decisão é do senhor, Coronel. Tomo licença para sugerir que eu faça um adendo a este registro estabelecendo que o senhor continuará proprietário da fazenda e assume o compromisso de prestar contas semestrais a este casal de todas as vendas que fizer. O que me diz?

O Coronel nos olhava, Gina séria, eu confuso e cheio de perguntas que não formulei. Gina voltou:

– Pode ser como o senhor tabelião sugeriu. O senhor fica como é, dono da fazenda, e nos repassa parte da venda do cacau.

O Coronel não tirava os olhos de nossos rostos. Perguntou:

– Vocês combinaram isso? Deviam ter me falado.

Gina disse:

– Não combinamos, Coronel. Juca e eu nos dissemos que não queríamos ser proprietários. Penso que o melhor será como o tabelião propôs.

O Coronel olhou-me direto e firme:

– E o senhor, senhor José Antonio?

Respondi:

– A vontade do meu amor é a minha vontade.

O Coronel retornou ao tabelião:

– Seja como eles querem, Reinaldo.

Uma hora depois, assinamos o Livro de Notas e recebemos o documento assinado.

Voltamos para o sobrado do Coronel em silêncio. Ao chegarmos, subimos para o nosso quarto. Gina estava exultante:

– Foi o melhor, meu amor.

Que dizer?!

– É – eu disse –, mas o Coronel não gostou.

Gina manteve:

– Ele vai concluir que foi o melhor.

– Tem os impostos e as despesas com pessoal. Essas obrigações ficam com o Coronel.

Gina beijou-me.

– Fizemos o certo, meu amor. Não queríamos ser proprietários e nem podíamos administrar uma fazenda de cacau. Você disse que não queria. Eu concordei. E estávamos certos. Que sabemos de administrar fazenda? Nada. O nosso é a felicidade do nosso amor, você na sua profissão de jornalista e nos estudos e eu, mãe e dona de casa.

Gina beijou-me e eu a beijei. Abraçados estávamos, abraçados ficamos, mas não fomos para cama. Sentamos na poltrona do quarto apertadinhos um no outro. Algum tempo depois, bateram na porta. Fui abrir. Era o coronel Ramiro. Ele falou:

– Vocês decidiram bem. Raciocinei e conclui que a doação da fazenda foi um ato de orgulho e vaidade. Peço perdão a Deus pela ofensa que cometi e aceito a lição que recebi de dona Gina. Venho lhes dizer que os tenho como filhos.

Gina disse:

– Aceitamos, Coronel. Somos amigos do senhor e podemos nos sentir filhos. Deus nos guiará!

Eu, perdido em indagações e conjecturas, via e escutava aquele Coronel conhecido por ser costumeiro no troninho de Madame Janette, aquele Coronel que desejara inaugurar uma virgem como mulher da vida e oferecera uma fazenda de cacau por sua virgindade.

O Coronel sorria:

– Descansem. Vamos tomar o café da noite às 8h. A feijoada foi boa. Não permite café da noite às seis.

Andou para a porta, abriu e saiu.

Gina agasalhou-se nos meus braços. O outro dia já estava na noite que cobria a cidade. Não descemos, dormimos. Se nos chamaram, não escutamos.

Capítulo 12



RETORNO PARA A BAHIA

O café da manhã foi agradável pelas atenções do Coronel, dos bolos e doces de dona Tibéria, alegre como sempre. Eu ia falar sobre a nossa volta para a Bahia, mas coube ao Coronel informar o quanto já providenciara. Falou:

– Os nossos José Antônio e dona Gina voltam para a Bahia no Prudente III, o melhor dos navios que nos servem. Sai às 3 da tarde, um pouco mais cedo do que na vinda, para obedecer a maré e às correntes marítimas. Flora os atenderá. Eu ficarei aqui um mês por causa das minhas obrigações nas fazendas.

Deu-nos até logo e saiu. Subimos para nos arrumar. Malas abertas, roupas colocadas sobre a cama, tive o cuidado de rever a maleta com os cinco contos de Réis, tudo correto. Escolhi um traje simples, calça marrom, paletó igual, camisa branca, gravata. Gina preparou um vestido leve e manteve a roupa interna, de modo que não vi o que fez com o frasquinho de veneno. Não perguntei.

Desci as escadas duas vezes, primeiro, com a mala de Gina, depois, com a minha e a maleta com o dinheiro. O Velho Nonô ajudava dona Tibéria a arrumar a mesa. É quando me viu com as malas, apresentou-se solícito.

– Vosmecês não me chamaram. Estou aqui para servi-los.

Agradei:

– A ajuda do senhor fica para o nosso embarque.

A porta da rua abriu e o coronel Ramiro entrou com embrulhos e papéis seguros nas mãos direita e esquerda. Sorria e apresentava as mãos ocupadas.

– Trouxe as passagens. Felizmente estarão no mesmo camarote em que vieram. Não esqueci o farnel.

Estendeu-nos os papéis e os embrulhos.

– Aqui estão a certidão do casamento com as assinaturas das testemunhas e a do padre Mário reconhecidas e o título do Cartório de Notas.

Gina segurou os papéis e os embrulhos e os colocou na cadeira ao lado.

Eu disse:

– Grato por tudo, Coronel.

Ele abriu os braços, puxou-me e abraçou-me.

– Não tenha pressa, José Antônio, você é muito jovem. Vai crescer e ainda terá muito tempo para ser útil a este velho fazendeiro.

Gina inclinou-se:

– Expresso minha gratidão, Coronel.

Dona Tibéria ria, braços abertos:

– Venham para a mesa. O almoço está servido. Vão experimentar a minha galinha ao molho pardo.

O Coronel foi ao escritório. Não demorou. Com a sua presença, sentamo-nos e nos servimos. Copos com suco de laranja à nossa frente, o Coronel com o seu vinho. Seguiu-se um silêncio compreensível, dona Tibéria circulando com o prato de angu.

O Coronel recomendou:

– Almoçem bem. Como já experimentaram, a viagem é demorada. O navio é bom, mas joga. Costumam oferecer um jantar, isso lá para as onze da noite, mas vão chegar no amanhecer do dia. O café da manhã será em casa.

Descansou, tomou um gole do vinho, e voltou:

– Manoel estará no porto. Sigam para a Graça, alimentem-se e descansem. Sugiro que se arrumem no quarto de vocês e deixem o que fazer para o dia seguinte. Há tempo de sobra para a vida.

Almoçamos. No final, doce de chocolate e café quente. O Coronel levantou-se, olhou o relógio no pulso, conferiu com o da sala e anunciou: duas da tarde. Íamos para o embarque.

Levantamos, olhei para as nossas passagens, vi os preços. Peguei a minha maleta.

– Coronel Ramiro, temos causado muitas despesas ao senhor. Vou reembolsá-lo destas passagens.

Ele riu e balançou as mãos:

– Nada para reembolso, José Antônio. Vocês dois são meus hóspedes, além do quê, os tenho como filhos.

Que fazer?! Olhei para Gina e ela pareceu-me ausente, de pé ao lado da mala, longe, longe. Cheguei ao seu lado e a beijei. Ela correspondeu, mas se manteve longe. O Coronel deu os passos para a saída. O Velho Nonô pegou a mala de Gina e os embrulhos com farnel. Eu cuidei da minha mala e da maleta, dona Tibéria deu-nos um “até a próxima” sentido e ficou de pé na porta.

Sáímos da casa e entramos no Ford, o coronel Ramiro e o motorista Antonio na frente, Gina e eu no banco de trás, as nossas malas no fundo do carro e a maleta em minhas mãos. Gina encostou a cabeça em meu ombro, disse “meu amor” e voltou ao silêncio.

Rodamos o pequeno trecho até o porto e ocupamos a canoa do Coronel. Ele e Antônio nos desejaram boa viagem. O mar estava calmo. Os dois canoieiros remaram com disposição e em pouco tempo estávamos subindo a escada de cordas. Marinheiros estenderam as mãos e nos ajudaram. Um deles ocupou a escada, recebeu a mala de Gina, passou ao outro e assim procederam com a maleta, minha mala e os embrulhos com o farnel. Reunimos tudo e mais uma vez nos auxiliaram com a bagagem até o camarote 35. Abriram a porta e dispuseram nossas coisas no interior. Entregaram-me a chave. Eu vasculhei o bolso, puxei 20 mil Réis e lhes passei com os nossos agradecimentos. Eles receberam e correram para atender outros viajantes.

Fechamos a porta. Colocamos nossos pertences no espaço do camarote. Tiramos os sapatos e as roupas e ficamos só com as peças íntimas. Estávamos sentados na cama. Nos beijamos. Gina falou perto de meu ouvido esquerdo:

– Somos nós, meu amor.

Não entendi. Gina continuou:

– Somos nós dois, somente nós dois, para vivermos nossa vida, meu amor. O Coronel se faz de nosso pai, mas ele não é nosso pai.

Beijou-me e apertou-me. Sua voz era suave.

– Não temos pai nem mãe. Eu não tenho parentes no Brasil. Você tem os primos Saraiva, mas estão longe, foi o que compreendi.

Fez uma pausa e voltou:

– Só temos nós, meu amor, para as decisões de nossa vida.

Eu não tivera qualquer raciocínio carregado da realidade que Gina trazia para nossos beijos e abraços. Eu tinha vivido aqueles dias, noites e horas como a sequência de instantes não pensados, muito menos programados.

Gina continuou:

O Coronel não é e nem será nosso pai. Nós só temos a nós, meu amor.

Gina falava o que eu não pensara um só instante nas minhas vertigens com perguntas não formuladas. Falei:

– Concordo, Gina. O Coronel se fez de nosso pai durante estes dias, mas isso não significa mais do que uma passagem. Desejo que a minha mãe esteja viva, mas é como se estivesse morta, metida num convento. Nada sei da família de meu pai em Sergipe. Meu pai nunca conversou comigo. Se ela sabia, não me disse. Os Saraiva são tão distantes que nem compareceram ao enterro do meu pai. Tudo o que minha mãe fez foi procurar os amigos do meu pai no *Correio de Notícias* e pedi um emprego para o filho. Eles fizeram-me menino de recado e depois foca e logo na primeira vez aconteceu...

Gina prendeu a minha voz com um beijo prolongado, afastou o rosto e disse:

– Vamos ser felizes, meu amor. Você volta ao jornal e ao estudo. Vamos montar casa e eu vou dedicar-me a ela e ao nosso primeiro filho.

Deitou-se. O Prudente III desatracara e iniciara viagem para a Bahia. Já começava a balançar. Alonguei-me ao lado de Gina e dormimos.

Acordamos com as batidas para o jantar das oito. Entreabri a porta. Recebi e ofereci os embrulhos com o farnel. O Prudente III ia manso. Havia luar. Rimos e nos beijamos. Depois tranquei a porta, nos sentamos na cama, abrimos as caixas com três bifés, arroz e batatas. Estávamos com fome, devoramos tudo.

Nos vestimos, reabri a porta, coloquei a caixa no chão, e fomos admirar a lua que nos tocava com sua luz clara e limpa, como se nos dissesse: “Amem-se”. Nos beijamos e nos beijamos, mas fomos dormir sem ter-nos.

Capítulo 13



NA BAHIA, NA GRAÇA

Chegamos cedo na Bahia. O Prudente III ultrapassou o quebra-mar e o Forte do Mar e executou difícil manobra para encostar no cais. Tudo bem. Reunimos nossas coisas, um marinheiro nos ajudou com as malas, a maleta com o dinheiro na minha mão. O carregador Número Sete correu para o nosso lado e se apresentou:

– Sou o Sete. O motorista Manoel mandou-me ao encontro do senhor José Antonio e sua senhora dizendo-me para procurar um casal bem jovem. São vosmicês, não são?

– Somos, respondi.

Dei 10 mil Réis ao marinheiro e ele adiantou as nossas malas para as mãos do Número Sete, a maleta comigo. Passamos o portão da Bahiana. O motorista Manoel saiu do seu posto, veio sorridente para o nosso lado, abriu a porta dos passageiros para Gina e a do seu lado para que eu me sentasse com a maleta enquanto ele arrumava as nossas malas do fundo do Ford. Voltou, sentou-se, ligou o carro e nos disse:

– Alegria em revê-los, senhor José Antonio e dona Gina. Flora os espera com o quarto arrumado e o café da manhã.

Dei 20 mil Réis ao senhor Sete. Manoel embicou o Ford para a Ladeira da Montanha e dali para frente repetiu o itinerário já conhecido até o Largo da Graça. Flora nos aguardava na porta do sobrado. Sorria, batia palmas e dizia:

– Vejo que fizeram boa viagem e que estão bonitos e felizes. Parabéns aos pombinhos pelo casamento na Igreja. O coronel Ramiro recomendou-me que lhes repetisse que estão em casa e que podem ficar aqui o quanto desejarem.

Gina a beijou. Logo em seguida, Manoel, Flora e eu cuidamos das malas, eu com a maleta. Entramos na sala de café, almoço e jantar, vimos a beleza posta para o café da manhã. Eu disse que seríamos rápidos. Íamos subir para tomar banho e mudar de roupa. Manoel, Flora e eu subimos as malas, eu com a maleta. Gina e eu nos alojamos no quarto que já conhecíamos, dispomos as nossas coisas, tiramos as roupas, ficamos em trajés menores e rindo e rindo pegamos toalhas nas malas e corremos para o banheiro, onde ficamos nus e ganhamos o primeiro instante de água fria sobre o corpo, nos ensaboamos aos beijos, mas não nos tivemos, não obstante a minha ereção e um doce piparote de Gina com um riso que dizia “depois, depois”.

Não demoramos para descer e tomar o nosso lauto café da manhã, leite, café e chocolate quentes, bolos, aipim cozido e frutas. Flora nos servia. No final, sem que tivesse combinado com Gina, comuniquei a Flora que íamos andar pela Graça para conhecermos o bairro e olharmos uma possível casa para morar.

Sáimos. Tive um instante de choque ao lembrar que deixara de ver o frasquinho. Um algo me bateu na consciência, mas soprei com as mãos, segurei Gina, a puxei para o meu lado e assim agarrados caminhamos para a Igreja de Nossa Senhora da Graça, centenária e bela. Silêncio, só o altar-mor iluminado, três únicas pessoas ajoelhadas, nos ajoelhamos também, Gina com as mãos contritas, postas como se estivessem segurando um rosário. Procurei com os olhos e localizei o quadro colorido que representa Catharina Paraguau rezando.

Terminamos as nossas orações, fizemos uma volta completa em torno dos altares menores, saímos, demoramos admirando o Largo da Graça com o verde do rosário de árvores e saímos em direção da Rua da Graça, onde paramos na frente de um bangalô de dois andares com um cartaz: “vende-se”. Não era o único nessas condições, mas chamara a nossa atenção pela pintura de cor de jambo, a porta e as janelas de madeira, os três degraus de mármore na entrada, a garagem, o chão de grama cortada e o prolongamento para o fundo, onde havia um cajueiro. Gina beijou-me e disse:

– Gostei, meu amor. Vamos comprá-lo?

Respondi:

– Vamos ver. Agora não há quem nos atenda. Talvez, mais tarde.

Seguimos adiante. Paramos em frente do largo e alto sobrado que seria conhecido com a denominação de Palacete Catharino. Continuamos nossa caminhada e alcançamos o largo da centenária Igreja da Vitória, naquela hora iluminada para um casamento, os noivos ajoelhados, o padre aparamentado, homens e mulheres de pé nos seus lugares, a Igreja cheia.

Entramos, algo recolhidos, pois não estávamos vestidos para aquela cerimônia. Voltamos para a praça arborizada, passamos para o lado direito da igreja e chegamos no alto da Ladeira da Barra no mesmo instante em que subia uma estranha máquina fumacenta puxando um carro com passageiros. Era o bonde da Barra, soubemos quase em seguida. Nos beijamos, abraçados, as pessoas sentadas nos bancos nos olhando como a objetos estranhos e logo seguimos em direção ao Largo da Graça. Passos vagarosos, passamos na frente do Palacete Catharino, vencemos o largo terreno arborizado e um começo de ladeira. Assim chegamos a esquina com a residência murada, pequena igreja pegada à casa dos padres jesuítas. Mais alguns passos e voltamos ao sobrado do Coronel, o Ford na porta. Empurrei o portão, Manoel apareceu. Falou:

– Ia sair para procurá-los. Flora já estava preocupada. Parou de arrumar a mesa e me disse: “Vá encontrá-los, Manoel. Eles não conhecem este bairro”.

Ria. Agradecemos.

Flora surgiu na porta:

– Onde vocês foram, pombinhos? Já está na hora do almoço. Fiquei preocupada. O Coronel recomendou-me que cuidasse dos queridos senhor José Antonio e dona Gina. São como filhos para ele.

Gina voltou a beijar dona Flora. Entramos, a mesa posta com dois lugares, vaso com flores no centro. Subimos a escada correndo, lavamos as nossas mãos e descemos. O almoço valia para cinco pessoas: carneiro assado, peito de frango grelhado, banana cozida, chuchu, abóbora, pirão, abacaxi, manga e laranja.

Flora encheu os nossos pratos, ofereceu vinho. Preferimos água. No final, doce de chocolate e café. Na pausa que se seguiu, falei:

– Dona Flora, preciso ir ao meu jornal, apresentar-me ao senhor Mário Campos e saber o que farei daqui para a frente. Gina fica com a senhora. Vou pedir ao senhor Manoel que me leve e traga.

Gina olhou-me com a mais completa expressão de espanto. Flora repetia que estava tudo bem e que faria o melhor estar com a querida dona Gina. Eu segurei a mão de Gina, a conduzi até a sala e a beijei e beijei. Falei:

– Farei tudo no menor tempo, meu amor, mas é aconselhável você ficar com dona Flora enquanto eu vou conversar com o senhor Mário Campos. Devo-lhe explicações por minha ausência nestes dias.

Lágrimas corriam dos olhos de Gina:

– Não me deixe, meu amor, eu não existo sem o meu Juca. O meu Juca é o meu tudo.

Eu a abracei e beijei e beijei.

– Não a estou deixando, meu amor. Também você é o meu tudo. Vou e volto no menor tempo. Veja que vou com o senhor Manoel para não perder o tempo que é nosso.

Em seguida, a conduzi até a porta abraçada comigo. Flora colocou o braço direito no ombro esquerdo de uma Gina tomada pelas lágrimas. Saí.

Capítulo 14



A REALIDADE BATE NA PORTA

Cheguei no *Correio de Notícias* pouco menos das 3 da tarde. Subi a escada, degrau a degrau, bati na porta e a abriram. Entrei. Estavam todos de cabeça baixa, a maioria com a caneta e papel, dois com o jornal *A Tarde* aberto. Domingos Correia no seu canto. Andei rápido para a sala do senhor Mario Campos, ele ao telefone. Olhou-me, fez um gesto para que eu entrasse e sentasse, obedeci. Não demorou para desligar o telefone e olhar-me firme. Falou:

– Que papelão, senhor José Antonio! Se o seu pai fosse vivo, sergipano como ele era, você ia apanhar merecida surra.

Abri a boca:

– Eu...

Ele cortou:

– Não fale. Madame Janette esteve aqui. Pediu para falar-me, concedi. Ela contou-me tudo, tintim por tintim.

– Não tive...

Ele cortou:

– Fique calado, já disse. Ela veio falar-me da reportagem que o senhor deixou com o Domingos. Queria processar o jornal. Gritei para ela que não se coçasse, pois seria pior. Ela aquietou. Informou que ia voltar para França. Já negociara as casas na Bahia, quase todas transferidas para Sheila. Ia negociar as do Rio de Janeiro, comprar passagem para Havre e partir. O Diabo que a cuide!

Falava alto. Alguns suspenderam a vista do que estavam fazendo. O senhor Domingos movimentou-se, viu-me, voltou as costas e retornou para o seu lugar. O senhor Campos olhou-me duro:

– Diga-me ao que veio, senhor faltoso.

Falei:

– Vim apresentar-me ao senhor e pedi perdão por minhas faltas.

Eu...

Ele cortou:

– Permaneça calado. Nos dois primeiros dias de sua falta, veja só, fiquei cuidadoso e fui aos Barris ver o que estava acontecendo com a viúva e o filho do meu inesquecível amigo Cunha Lima. A casa estava fechada. Bati na porta com as mãos abertas, dei um murro, uma vizinha abriu uma nesga de janela e informou: “Não tem ninguém”. Fechou. Fiquei cuidadoso. Saí dali e fui procurar um seu parente, o deputado Augusto Saraiva, na Assembleia, logo ali na Piedade, e ele disse-me que a senhora sua mãe decidira ser freira e entrara para o convento.

– Esse senhor era inimigo do meu pai.

– Não tem importância. O senhor seu pai era algumas vezes melhor e mais importante do que esse deputado de merda.

Voltei:

– Senhor Campos, eu fui apanhado numa surpresa e não tive como resistir. Casei com Gina.

O senhor Campos riu:

– Ora, ora, esse casamento não tem a menor validade.

Continuei:

– Agora sou realmente casado, senhor Campos. Gina e eu nos casamos na Igreja de Ilhéus. Foi o padre Mário quem nos casou. Tenho certidão assinada por ele e por mais de 10 testemunhas. E digo ao senhor que Gina e eu nos casamos por amor, amor, seu Campos.

Pareceu-me que ele se acalmara. Olhou-me, estirou as pernas:

– E o senhor faltoso veio procurar-me para quê?

Falei:

– Quero voltar para o jornal em melhor situação do que a de foca. E continuar os meus estudos no Ginásio da Bahia.

Ele ficou irônico:

– E o que mais o senhor quer?

– Quero ser acionista do *Correio de Notícias*. Tenho dinheiro no Banco do senhor Fioravantti.

Ele se firmou na cadeira:

– Como é? O senhor tem dinheiro no Boa Terra? Lima morreu sem deixar um tostão...

– Foi o dinheiro que o Coronel pagou. Ele nos levou ao Banco Boa Terra, a mim e a Gina. O doutor Fioravanti nos recebeu e nos deu atestado do dinheiro que depositamos. Gina quer que eu seja jornalista e volte ao estudo. Nós nos amamos, senhor Campos, quase vivemos uma tragédia, mas nos temos hoje no amor.

Ele mudou a voz de ironia para uma fala pausada, quase triste:

– Você fez tudo errado, José Antonio. Tudo, tudo errado. Todos aqueles papéis que Bonifácio Silva lhes passou não valem nada. Ele não tinha autoridade para escrever e assinar qualquer um daqueles papéis. Mas esse papel com o doutor Fioravanti é diferente. O doutor Fioravanti é homem sábio, sério e decente. Vai ser o nosso candidato ao governo em 1924. Se ele recebeu esse dinheiro e deu recibo, isso vale, José Antonio. Quanto quer investir?

– Pensei em um conto de Réis, mas ainda vou conversar com a minha mulher, pois, em verdade, esse dinheiro é dela. Vou fazer o que ela decidir. Volto para trazer a decisão.

– Está bem, José Antonio. Volte. De minha parte vou conversar com os meus sócios e também estarei com a nossa resposta. Quanto a você, concordo que deixe de ser foca e passe a repórter ou comentarista. Vá ao Ginásio da Bahia para saber qual a sua situação e o horário de suas aulas. Você está na 5ª série?

Respondi:

– 5ª série, mas tenho seis meses de faltas. Talvez me aceitem porque eu era bom aluno, estudioso e com boas notas. Tudo como o meu pai queria. Infelizmente, Deus o levou!

– Infelizmente, José Antonio. O Lima era o Lima! Todos nós sentimos que tenha partido, mas Deus sabe o que faz. Lima morreu de repente. Não estava doente, mas o coração parou.

Abraçou-me:

– Vá, José Antonio. Juízo! Eu o espero segunda-feira.

Fui até o senhor Domingos. Ao passar pela redação, fiz uma

saudação com as mãos abertas. O senhor Domingos largou caneta e papel e abraçou-me:

– Alegria em revê-lo, José Antonio. Volte para o jornal.

Acompanhou-me até a porta. Saí, desci as escadas, cheguei na rua, dei uma olhada para a Rua Chile, outra para o Teatro e fui ao encontro do senhor Manoel. Entrei no Ford e disse:

– Vamos aos Barris, Manoel. Sabe como ir?

– Sei ir até a Direita da Piedade. Dali aos Barris, não sei.

O relógio no pulso de Manoel marcava quatro da tarde, logo raciocinei que já estava longe de Gina há muito tempo. Mudei de ideia. Disse:

– Desisto dos Barris, Manoel. Vamos para casa.

Capítulo 15



PALAVRAS DE MÃE, SILÊNCIO DO PAI

Fizemos o percurso para a Graça em silêncio e encontramos o sobrado fechado. O motorista Manoel buzinou, desceu do carro, sacudiu o portão. Nada! Estávamos nisso quando vimos Gina e dona Flora virarem a esquina. Vinham conversando. Saí do carro e corri para Gina. Ela recebeu-me de braços abertos:

– Juca, meu amor, encontrei nossa casa. Estava na porta um representante do dono e ele nos convidou para entrarmos. Corremos tudo! E tem mais, meu amor, tem quintal com coqueiro e cajueiro em flores.

Eu estava de boca aberta. Deixara Gina chorando e a reencontrava alegre e decidida. Falei:

– Sim, meu amor, vamos fazer como você desejar.

Dona Flora nos olhava e sorria.

– Seja tudo como dona Gina e o senhor José Antonio decidirem. Vamos entrar?

Abriu o portão, sorriu agradável para o senhor Manoel, colocou a chave na porta do sobrado e empurrou.

Eu disse:

– Vamos aos Barris, senhor Manoel. Dona Gina vai conosco.

E completei:

– Gina, meu amor, deixei de rever a casa de meus pais porque senti a sua falta. Vamos agora?

Gina beijou-me:

– Vamos, meu Juca.

Partimos. Manoel fez o percurso normal até virarmos à direita da Piedade e entrarmos à esquerda, velho caminho para a minha

casa, não de há muito calçada até a porta das Doroteias. Daí em diante, barro batido, socado, o carro parou no portão do colégio de meninas e convento. Gina e eu descemos, mãos nas mãos, andando em direção do correr de casas pequenas, de portas e janelas fechadas. A casa dos meus pais era a terceira. Meti a mão no bolso traseiro, pesquei a chave da porta e abri sem largar a mão de Gina. Cuidei logo de religar a luz, que deixara desligada. A tarde caía para a noite fechada. Acendi todas as luzes e abri as portas dos quartos. Que silêncio!

Gina apertou-me nos braços:

– Tudo bem, meu Juca. Vamos fazer o que você decidir.

Eu decidira rever a casa, só rever a casa, o banheiro, o quintal. Mas lembrei-me que o encontro com o senhor Campos abria-me questões. Uma delas: minha documentação de aluno do Ginásio da Bahia.

Falei:

– Gina, preciso dos meus documentos de aluno do Ginásio da Bahia. Você me ajuda a procurar?

Gina beijou-me:

– Tudo, meu Juca, tudo que você ordenar.

Entramos no quarto de meus pais, todo ele exatamente como minha mãe o cuidava. Fui às portas e às gavetas do guarda-roupa, todo ele envernizado escuro. Abri a primeira gaveta e logo se revelou um envelope grande e branco com um aviso: “Papéis de José Antônio”. Abri. Era a minha certidão de nascimento. Gina a segurou:

– Meu Juca, você nasceu em 1904.

Ria:

– Nunca vi a minha certidão de nascimento. A minha mãe dizia-me que eu nasci em 1907. Sou mais moça do que você, meu Juca.

Sim, três anos mais jovem do que eu. Se fosse realmente assim, ela tinha 14 anos. Não mais que 14, menor, menor. E estivera leiload!

Senti a minha emoção subir como uma onda de inverno no mar aparentemente calmo da praia do Rio Vermelho. Puxei Gina e a beijei:

– Somos dois jovens casados, minha Gina. Você menina e eu, adolescente.

Gina falou:

– Idade não é nada para os que se amam, meu Juca. E nós nos amamos.

Sentamos na cama. Deixei o envelope com Gina, levantei-me e voltei ao armário. As gavetas guardavam roupa de cama e toalhas. Em uma delas, não lembro se na terceira ou na última, havia um caderno dormindo embaixo de uma rede dobrada. Puxei o caderno e o abri. Era a letra de minha mãe. Lá estava em destaque: 1904. Em seguida, o texto: “Nasci para ser freira, tive esta revelação quando estava ajoelhada, rezando na Igreja, e uma voz suave disse-me: ‘Seja freira’. Eu completara seis anos e estava interna no Convento e Colégio das Sacramentinas enquanto os meus pais tinha viajado para a Bahia. O meu pai queria construir uma fábrica de cigarros. Eles voltaram cinco meses depois e tiraram-me das Sacramentinas. Eu disse a minha mãe que uma voz do céu dissera-me que eu nasci para ser freira. Minha mãe riu. Meu pai a escutou e segurou-me com as duas mãos nos meus ombros: ‘Nada de ser freira. Você vai crescer, casar e nos dá netos e netas. Os Saraiva precisam crescer como família’.”

Parei a leitura. Entreguei o manuscrito a Gina, levantei-me da cama, abri outras gavetas, todas com roupa de mulher, toalhas, roupa de cama e mesa. Nada do meu pai, ele jornalista de presença e nome não recortara e guardara os seus muitos artigos e entrevistas com personalidades. Onde estavam os textos da campanha contra Seabra? Era estranho, muito estranho! Dei um pulo e corri outras dependências da casa. Mas a decepção cresceu com a evidência da falta de meu pai em tudo naquela casa pequena e pobre. Corri ao quintal, parei no banheiro, a bacia virada para a parede. Naquele instante, eu vi que a noite descera.

Fechei as portas e os armários que abrira, voltei ao quarto, tive Gina nos braços. Falei:

– É noite, meu amor. O senhor Manoel deve estar preocupado com a nossa demora.

Gina beijou-me.

Capítulo 16



A MORTE DO CORONEL

Encontrei o meu atestado de aluno da 5ª série do Ginásio da Bahia entre os papéis de minha mãe. Convoquei Manoel e fui apresentar-me ao diretor. Ele deixou-me de pé ao lado de sua mesa e saiu para falar com a secretária do Ginásio.

Não demorou para voltar e falar-me:

– O senhor tem seis meses de falta. Apresente-se a cada um dos seus professores. Cumpra a eles aceitá-lo ou recusá-lo.

Eu estava sob a alegria de futuro pai e sócio de um jornal de grande aceitação na capital, em Ilhéus e cidades do Recôncavo.

Saí do Ginásio rápido e fui para a porta do Convento da Lapa que permitia acesso à famosa janelinha. Ajoelhei, disse o meu nome e perguntei se podia ver a minha mãe. A voz respondeu:

– A irmã foi em nossa assistência de caridade nas favelas do Rio de Janeiro.

Protestei:

– Absurdo. É minha mãe! Vocês não podiam retirá-la da Bahia sem consultar-me.

A voz voltou distante e fria:

– Ela foi cumprir a vontade de Deus.

A portinha bateu. Encostei-me no portal e chorei. Escorreu um tempo que eu não posso calcular. Por último, engoli o choro e Manoel levou-me rápido para o jornal. Subi a escada e fui direto para a sala do doutor Mário Campos. Ele estava descansando o telefone. Acomodou-se e disse:

– O coronel Ramiro foi assassinado.

Tive um choque:

– Como, doutor Mário, assassinado?

Ele:

– Briga por terras. É o costumeiro na zona do cacau. Não tenho detalhes, mas o meu informante vai reunir tudo o que se passou e volta a telefonar.

Bateu na minha consciência. Pedi:

– O senhor permite que eu use o seu telefone?

Ele estendeu a mão e apanhou o aparelho.

– Às suas ordens.

Agradei e disquei para a casa da Graça. Dona Flora atendeu.

– Quem é?

– É o Juca, dona Flora. Soube aqui no jornal...

– É, seu Juca, fui avisada da morte do Coronel pelo pessoal da casa de Ilhéus que o senhor conheceu.

– Onde está a minha Gina?

– Está no quarto.

Decidi voltar para casa. Manoel viu-me entrar no Ford em silêncio, bater a porta e descansar no assento. Perguntou:

– Vamos para a casa, senhor José Antonio?

Respondi:

– Vamos. Estou sem saber o que faço, Manoel. Soube aqui que o Coronel foi assassinado.

Manoel se movimentou no assento.

– Morte do Coronel, senhor José Antonio! Morte, como? Nós o deixamos muito bem, cada vez mais rico.

Consegui falar:

– Foi assassinado. Soube pelo doutor Campos, liguei para dona Flora e ela disse-me que já estava avisada. Vamos para casa.

Manoel virou a chave, o Ford soluçou e parou. Manoel voltou a virar a chave, desta vez o Ford partiu. Voltamos para a Graça.

Gina e dona Flora estavam na porta. Abracei e beijei minha Gina. Dona Flora falou:

– A filha e o genro estão na França. Não sei como falar com eles. Espero que o pessoal de Ilhéus saiba e informe a eles a morte do Coronel.

Calou e nos olhou com os olhos marejados.

– É triste, senhor José Antonio. Sou empregada do Coronel há muitos anos. Aqui estou de cozinheira e serviçal para um tudo. A filha e o genro passaram por esta casa como um vento e viajaram. Ela é pintora.

Perguntei:

– O Coronel não tem parentes nesta cidade? Não tem amigos?

– Não sei, senhor José Antonio. Eu sou o que sou. Uma empregada doméstica do coronel Ramiro. Há 10 anos que estou neste emprego. Fui aceita pela esposa do Coronel, dona Guiomar, uma senhora que não erguia a voz para dar ordens. Infelizmente, viveu pouco. Um dia ela amanheceu morta. Não sei o que a matou. O Coronel cuidou do enterro no Cemitério do Campo Santo. Ele chorava sem parar. A filha estava na França.

Capítulo 17



O HERDEIRO EDUARDO

O genro do coronel Ramiro voltou para o Brasil sozinho. Foi num repente que ele apareceu nesta casa. Apareceu duro e agressivo.

– Sou dono da herança do Coronel. A sua filha única é artista. Pintora. Ela não voltou. Na minha condição de genro, eu tenho direito de receber o que meu sogrinho deixou. Exijo que saiam de minha casa agora.

Nesta altura, Gina desceu a escada chorando.

– Meu amor, meu amor, perdemos nosso filho.

Eu disse:

– Faremos outro.

Completei:

– Este senhor está nos expulsando.

Gina falou:

– Vamos embora, meu amor. Suba e traga as nossas coisas.

Obedeci. Subi a escada correndo e desci carregando as nossas malas. Nelas estava o nosso dinheiro.

Flora chorava.

– Para onde vão vocês? Para a casa que vocês compraram?

Respondi:

– É. Preciso de Manoel.

Ela se movimentou e trouxe Manoel. Ele nos conduziu para o carro. O herdeiro Eduardo nos olhou e disse:

– Vou permitir. Mas o devolvam com a maior rapidez.

Sáímos, entramos no carro. Gina falou:

– Vamos para o banco.

Manoel desceu para o Comércio e nos colocou na porta do banco. Entramos e fomos direto ao gerente. Gina falou:

– Viemos buscar o nosso dinheiro. Vamos comprar nossa passagem e viajar para Florença, minha terra.

O gerente nos olhou e disse:

– Posso fornecer uma parte. A outra está investida. Bateu palmas. Um funcionário veio correndo. O gerente falou:

– Traga a quantia destes senhores que não está investida.

O funcionário foi e voltou com um bolo de dinheiro. Fomos direto para a Panair, onde compramos nossas passagens para Florença.

Foi uma viagem com o avião balançando. Assim descemos em Paris, onde mudamos para uma companhia alemã. Foi o que nos deixou em Florença. Ali fomos para um hotel. Gina mostrava alegria e disse:

– Vou ficar grávida.

Fizemos sexo.

No outro dia, eu saí com o meu amor, comprei um apartamento com os dólares em que transformara meu dinheiro. Andei para a feira da cidade, onde comprei um lugar, acrescentei tudo que fosse vendável. Enquanto isto a minha Gina foi andar na margem esquerda do Rio Arno. Ficou conhecida. Todos a apontavam. Ela voltava alegre para o nosso apartamento. Um dia voltou alegre e comunicou-me:

– Estou grávida, meu amor. Foi como eu disse: “a água do Arno é a indicada para engravidar”.

Nos beijamos e nos beijamos.

Não demorou muito para eu viver a minha desgraça. Em um fim de tarde, abriram a represa do Arno e uma onda grossa pegou e levou o meu amor. Eu passei a andar na margem do Arno, agora um velho de barba branca.

O MESTRE LUIS HENRIQUE

Consuelo Novais Sampaio

Falar do mestre Luis Henrique é falar de toda uma geração por ele preparada para palmilhar os caminhos e veredas escorregadias da História da Bahia. Aqueles que não se incluem nessa categoria certamente se deliciaram com as suas crônicas, contos e novelas, como a que acaba de escrever, *Nas margens, no leito seco*, na lucidez dos seus 86 anos de vida intensivamente produtiva. Poucos, como eu, tiveram a sorte de tê-lo como guia ao longo da vida acadêmica. Por isso, devo ter cuidado para não derrapar e falar sobre mim mesma, pois a ele estou ligada desde o curso científico, no Ginásio da Bahia. Até os dias de hoje.

Fui premiada com os melhores professores que se possa desejar, bastando citar Anísio Teixeira, Maria Yeda Leite Linhares, Francisco Falcón, Darcy Ribeiro. Na Bahia, além do citado mestre, destaco o professor Ramakrishna Bagavan dos Santos e, por último, no doutorado, o aplaudido brasileiro Anthony John R. Russell-Wood. Todos me apoiaram, mas nenhum na difícil caminhada que escolhi como o mestre Luis Henrique Dias Tavares. Foi ele quem, nos amargos anos da Ditadura Militar, concordou em orientar a dissertação do meu primeiro mestrado, depois de haver recebido a recusa de outros professores pelo simples fato de tratar de tema político – ainda que da Primeira República!!! Logo ele, que havia sido arbitrariamente preso duas vezes pelos truculentos e inseguros militares. Longe da pátria, quando fazia o doutorado na Johns Hopkins University, não raro eu caía em profunda tristeza. Suas cartas levantavam-me o ânimo e ajudaram-me a vencer a reta final. Quando retornei ao Brasil, em 1976, a fim de coletar dados

para a minha tese de doutorado, a dissertação com que eu havia cumprido o Mestrado de Ciências Sociais da Ufba já havia sido editada – pela então estagiária Flávia Garcia Rosa, hoje vitoriosa e grande diretora da Edufba – e publicada por indicação do mestre Luis Henrique. E assim seguiu ele me orientando em projetos futuros.

Devo parar por aqui. Alonguei-me mais do que devia. Enfim, ele é o meu mestre. E mais do que isso, mestre de toda a minha geração, como já me referi, de mais duas que se seguiram e de muitas outras que as seguirão, pois a sua *História da Bahia*, desde a 1ª à 11ª edição é o mais completo e atualizado livro sobre o nosso passado. É único no gênero, por sua abrangência, cobrindo desde a nossa formação histórica até os dias atuais. É notável pela precisão, confiabilidade dos dados e interpretação. Já em 11ª edição, continua a ser a única fonte abrangente da nossa história, desde a origem aos dias atuais. Obrigatoriamente será lida por aqueles que desejarem conhecê-la.

Curiosamente, esse livro perfeito, sem rival, teve a sua origem em 1959, num encontro casual, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, entre o jovem professor Luis Henrique e o seu ex-professor no Colégio Central, Luis Monteiro da Costa. Este encontrou o seu ex-aluno pesquisando e, num apelo imperativo, pediu-lhe para escrever um livro didático sobre a História da Bahia. Assim fez, realizando inovadora e minuciosa pesquisa, que revelou a sua insofismável vocação de historiador. Sempre solicitado e periodicamente revisto e atualizado, as cento e poucas páginas da 1ª edição de 1959 pularam para 544 na 11ª edição publicada pela Edufba em 2009, saudando os 50 anos de vigência desse trabalho pioneiro.

Há tanto o que falar sobre o mestre que me confundo. Mas, se não me engano, o pendor pela literatura antecedeu a avidez com que o jovem Luis Henrique se debruçou sobre a História. Não cabe aqui falar de suas duas novelas já publicadas, *O Sr. Capitão* e *A heróica morte do combativo guerreiro*. Vejo nelas uma crítica ao autoritarismo vigente no sistema político brasileiro que aparece num intrigante viés satírico da narração. A beleza e leveza das suas crônicas, de certa forma se manifestam nos títulos que as reúnem, sem-

pre carregados de melancólico lirismo: *A Noite do Homem*, *Moça sozinha na sala* e *Menino pegando passarinho*.

Mal havia completado 16 anos quando, ao lado de alguns companheiros do Ginásio Clemente Caldas, em Nazaré, fundou o *Parlapatão*, jornalzinho que publicou o seu primeiro texto ficcionista sob forte influência do famoso *São Bernardo* do notável Graciliano Ramos. Bem ou mal, também criticava a situação agrária do município de Nazaré, onde havia nascido no dia 25 de janeiro de 1926. O seu tio Paulo Dias Tavares possuía enorme biblioteca. Isto estimulou a sua veia literária. A visão ampla dos seus pais, Luis Dias Tavares e Elza Dias Tavares – primos e namorados desde os oito anos – não permitiu que fosse trabalhar no empório comercial da família como tradicionalmente acontecia aos jovens Tavares quando atingiam a adolescência. Essa decisão dos pais apontou-lhe a senda literária que se abriria em longa estrada que percorreria ao longo de sua movimentada e exitosa vida.

A saída do paroquiano Ginásio Clemente Caldas para ingressar no afamado Colégio Maristas, na Capital do Estado, mexeu com a resistência físico-emocional do franzino jovem, ainda que ele houvesse se estabelecido na casa dos seus avós e padrinhos, Joaquim e Amélia, que o cercavam de atenções. A falta sentida dos colegas, de todo o ambiente social, tornou-o mais suscetível às doenças que grassavam na época, entre elas o tifo o colocou em perigo da vida e o manteve afastado das aulas por um mês. Em decorrência, para concluir o ginásio, foi transferido para o Ipiranga, colégio onde muitos que claudicavam no estudo encontravam refúgio.

Sem dificuldades, completou a formação básica para ingressar no Colégio Central, durante muito tempo o melhor da Bahia. Nele ingressou fortalecido pela experiência que foi acumulando desde quando, aos 17 anos, foi convidado para participar do Teatro de Estudantes da Bahia (TEB). Aí fez iniciação política através de contatos contínuos com Heron de Alencar, o verdadeiro líder do TEB e respeitado militante do Partido Comunista Brasileiro. Com destemor, em pleno Estado Novo e nas agruras da 2^a Guerra Mundial, mergulhou (1943) em leituras marxistas à procura de res-

postas para o drama político e social vivido no Brasil. Não poderia ter mentor que se igualasse a Héron de Alencar. Era um ser excepcional, referido pelo mestre Luis Henrique como “uma pessoa de personalidade extraordinária, presença muito grande, carismático, exercia enorme liderança”.

Organizava campanhas anti-nazistas e anti-fascistas que sempre desembocavam em críticas severas à ditadura de Getúlio Vargas. No Colégio Central preferiu continuar o aprendizado político em detrimento do estudo das diversas matérias. Resultou que suas notas não eram as melhores. Em compensação dedicou-se com Bóris Tabacof, Ariovaldo Mattos, Darwin Brandão e Antonio Carlos Soares a montar e produzir três números da revista *Evolução*. De fundo cultural, tinha pretensões literárias, mas era sobretudo política. Essa predominância política explica a existência de apenas três números, sendo ela fechada pelo DEIP, que exercia onipresente censura intelectual.

A passagem pelo Teatro de Estudantes da Bahia (TEB) e pela revista *Evolução* conduziu-o à militância na União dos Estudantes da Bahia, onde foi companheiro de Carlos Anibal Correia, Raimundo Schaun, Mário Alves, Alberto Vita, João Batista de Lima e Silva. Ao lado de mais dois ou três, constituíam o cerne do Partido Comunista Brasileiro na Bahia. Depois do lançamento de uma fortuita revista-jornal, fizeram o lançamento de um periódico que marcou época na Bahia, *O Momento*, seminário, depois diário, instalado na ladeira de São Bento, nº 16, andar térreo. Infelizmente a Biblioteca Pública da Bahia guarda apenas alguns exemplares desse jornal. *O Momento* desejava atingir o povo, mas era o porta-voz do PCB na Bahia até ser atacado por oficiais do Exército.

Em fins de 1944, o jovem estudante aceitou convite de Joel Muniz Ferreira para integrar a equipe do semanário *O Momento*. Antes de *O Momento*, escutou Giocondo Dias falar sobre o PCB. Ainda era na vigência do Estado Novo e foi mais uma reunião clandestina. Nela se inaugurou o PCB na Bahia. Passou-se da fase do amadorismo político para a militância engajada. Só no processo de

reconstitucionalização – fim do Estado Novo de Getúlio Vargas –, o jovem Luis Henrique filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro.

A militância política o havia iniciado no jornalismo. As aulas no Central, atividades escolares, tudo passou para quando houvesse hora, o que era raro. Exerceu em *O Momento* todas as funções, desde foca a revisor, substituto de secretários, redator de artigos e de entrevistas por ele mesmo realizadas. O pagamento era mínimo. Quando entrava dinheiro, o pessoal da redação, da qual fazia parte, só recebia depois que todo o pessoal da gráfica havia sido pago. Nesse periódico o jornalista Luis Henrique também compunha uma página literária com o poeta Cláudio Tuity Tavares, irmão do jornalista Odorico Tavares. Realizou o *Caderno da Bahia* na gráfica dos beneditinos. Cláudio também atraiu o contista Vasconcelos Maia, que conferiu maior identidade ao *Caderno*. Amadurecido pelas lides da vida, Luis Henrique escreveu o que considera o seu primeiro conto, “Sábado, o dia dos dias”.

Mesmo quando conseguiu ser aprovado no Colégio da Bahia e ingressar no curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia, sua devoção continuava a ser o jornal *O Momento*. Pode-se informar que as ações subversivas limitavam-se à troca de ideias e debates. Nessas reuniões, havia disciplina e alguma doutrinação, mas não visava subverter a organização social ou algo similar que pudesse desestabilizar a ordem estabelecida. Podia provocar irritação e causar atitudes violentas dos repressores oficiais.

O Partido Comunista foi proscrito depois de curta vigência legal. A sua cúpula deu ordem para que se organizasse um comício monstro. Deveria acontecer na Praça da Sé. Deste ponto até a Praça Municipal a área estava coberta de policiais. Na redação de *O Momento*, Henrique Lima Santos e Luis Henrique foram destacados para cobrir o comício. Passaram pela rua Chile, coberta de policiais. Pediram que se identificassem. Declararam que eram estudantes e se dirigiam para a Biblioteca Pública, então localizada na Praça Municipal. Daí seguiram para a contígua Praça da Sé e constataram que havia um palanque solitário, alguns bancários

e algumas mulheres da Associação Feminina. Havia conseguido furar o bloqueio. Passado algum tempo, entrou na Praça da Sé um carro que estacionou em posição estratégica. Dele saiu Giocondo Dias. Em altos brados, deu início ao comício programado. Foi muito curto. Repentina escuridão tomou conta da praça. Ocorreram tiros. Em seguida, o carro que conduzia Giocondo Dias saiu da praça e desapareceu.

Os tiros provocaram a morte do líder bancário Luiz Garcia. Os dois jornalistas correram para a Pastelaria Triunfo, esquina da Praça Municipal. Foram presos. Ambos jogados num camburão. Os policiais com os pés imobilizando seus corpos. Tudo indica que os pés dos policiais pesavam mais que os corpos que desejavam conter. Luis Henrique pesava apenas 38 quilos; Henrique Lima não era gordo. Foram levados para a Secretaria de Segurança Pública, na Praça da Piedade, nela entrando aos empurrões e cacetadas. Luis Henrique foi escolhido para lavar as fétidas latrinas da prisão. Recusou e foi espancado. No dia seguinte foram libertados. Luis Henrique foi direto inscrever-se para o vestibular de História, na Faculdade de Filosofia. Aprovado, continuou a trabalhar no *O Momento* até 1952.

Finda a 2^a Guerra, e com a eleição de Getúlio Vargas, a situação do Brasil havia mudado bastante com a questão da guerra da Coreia e o gradual aquecimento da “guerra fria”. As negociações bilaterais que se iam desenvolvendo com os USA entraram em ponto crítico com a recusa final de Vargas de enviar tropas brasileiras para apoiar os USA nessa guerra, como requeriam os norte-americanos e a ONU ordenava. É preciso lembrar que o retorno de Vargas à presidência em janeiro de 1952 – graças à força da campanha “queremista” (Queremos Vargas/Queremos Vargas) – depois de haver sido destituído do poder pelas Forças Armadas, conforme previsto pelos “aliados”, não agradou aos USA. Para desestabilizar o seu governo, começou-se a ver comunistas – tornados ferozes inimigos com o deflagrar da guerra fria – em todos os cantos. Prisões misteriosas se sucederam como ocorreu com João Palma Neto, ex-marujo, comer-

ciante e casado, que desapareceu, sem que ninguém soubesse do seu paradeiro. Graças à filiação do pai na Maçonaria ele terminou sendo encontrado preso no Forte do Barbalho. Depois libertado por exigência da Maçonaria, porém, com 17 quilos a menos, perdidos na traumática experiência que sofreu em pouco mais de cinco dias na prisão. Nessa instável década de 1950, que culminou com o suicídio de Getulio Vargas em 1954, muitas prisões e “desaparecimentos” aconteceram, procedimento que se tornaria rotina depois do golpe militar de 1964.

Em crise profunda, voltando à clandestinidade, sem base financeira, o Partido decidiu, numa ingênua estratégia de defesa e sobrevivência, que os seus membros se casassem e suas esposas “fossem para a produção”, de modo a serem capazes de sustentar o novo lar, inclusive o marido que poderia continuar na militância. A “estratégia” teve efeito contrário. Aos poucos, os seus membros foram-se casando e, sem qualquer atrito, abandonando o Partido, inclusive o jovem Luis Henrique.

Havia algum tempo ele namorava a bela Laurita Serra Pontes, sempre o grande amor de sua vida. Ele a conheceu no baile de Carnaval do Clube Fantoche em 1950. Pareceu-lhe carinhosa, atributo importante para um jovem desejoso de amor. Ele a pediu em casamento. Namoro, noivado, casamento, seguiram-se em rápida sequência, com ela se casando em julho de 1951. No decorrer dessa feliz união, tiveram três filhos, Luis Guilherme, Sérgio Alexandre e Cláudia. Mas logo de início, diplomado em dezembro do mesmo ano pela Faculdade de Filosofia em Geografia e História, tratou de procurar trabalho. Deixou o jornalismo quando foi convidado a secretariar o deputado estadual Carlos Anibal Correia. Pouco tempo depois esse deputado o indicou para ser contratado como professor do Colégio da Bahia.

A atividade de professor exerceu dois efeitos decisivos na sua vida. Absorveu todo o seu tempo ao ter de preparar aulas, corrigir provas, ministrar aulas para alunos tanto do curso clássico e do científico, todas as turmas (1^a, 2^a e 3^a ano), sempre lotadas, todos os dias.

Entrava no Colégio da Bahia às sete horas da manhã e saía quando faltavam quinze minutos para a meia-noite. Chegava em casa esgotado, mas devia preparar as aulas para o dia seguinte. A compensação financeira era muito baixa, o que o levava a fazer horas extras. Depois de submeter-se a concurso público, no qual foi aprovado com distinção, tornou-se completa e definitivamente professor.

Outro efeito decisivo sobre ele foi o fato de entregar-se à História. A princípio por obrigação, a fim de preparar aulas, mas pouco depois por devoção, graças ao grande historiador José Wanderley de Araujo Pinho, na ocasião prefeito da Cidade do Salvador e professor da Faculdade de Filosofia. Um dos precursores da História Social no Brasil. Já na Faculdade, foi o historiador Wanderley Pinho quem inquietou o espírito do jovem estudante levantando dúvidas sobre a História do Brasil que se ensinava. Conferindo às suas aulas um tratamento metodológico científico e inovador, ensinou-lhe que as afirmações da História não eram definitivas, mas sujeitas a novas pesquisas. Podiam mudar com a descoberta de novas fontes, novos documentos. Insistia na necessidade de pesquisa em fontes primárias. Concepção desafiadora e revolucionária para a época, na qual predominava o inquestionável *magister dixit*.

Foi sob essa benfazeja influência que o jovem professor do Central, mergulhado na correção de trabalhos de centenas de estudantes, teve de chegar à tona para se debruçar sobre o movimento social de 1798. Atendia a sugestão do grande mestre que questionava interpretação do livro do muito respeitado e até então inquestionável historiador Afonso Ruy, autor de *A Primeira Revolução Social do Brasil*.

Desde então, tornou-se freqüentador assíduo do Arquivo Público do Estado e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Sempre à procura de novos documentos, fazia malabarismos quando havia um espaço no seu calendário escolar para cobrir em poucos minutos a distância que o separava do Colégio da Bahia. Graças à sua tenacidade, disciplina e dedicação, fez a revisão daquele famoso livro com o trabalho historiográfico “Introdução ao estudo das

idéias revolucionárias de 1798”. Depois foi revisitado e se tornou a sua tese de doutorado, com o título de *O movimento revolucionário baiano de 1798*, publicado pela Imprensa Oficial da Bahia. Esta foi a origem do seu *História da sedição intentada na Bahia em 1798*, publicado pela *Pioneira* de São Paulo em 1975. Este trabalho conferiu dignidade e estatura maior a atores anônimos da nossa história, a negros e mulatos, soldados, escravos e alfaiates, como Luis Gonzaga das Virgens, João de Deus do Nascimento, Lucas Dantas do Amorim Torres, Manuel Faustino dos Santos Lira. Sempre ligado à dramática história desses rebeldes, escreveu *O soldado Luis Gonzaga das Virgens*, publicado na *Revista de Estudos Avançados* da Universidade de São Paulo em 1999. O agora historiador consagrado, Luis Henrique Dias Tavares estudou a fundo a conspiração dessa gente humilde da Bahia Colonial, que clamava por Liberdade, por República, por Livre Comércio, pelo fim da escravidão e da discriminação racial. Pode-se dizer que desde a realização e violenta repressão desse movimento, com a degola e exposição pública de partes dos corpos dos seus líderes, o sentimento de independência permeou setores decisivos do povo brasileiro. Ainda hoje, aos 86 anos, o mestre Luis Henrique se atormenta com dúvidas que procura esclarecer sobre essa sedição na Bahia.

Nos idos de 1955, o trabalho inicial, que deu origem a este livro, teve boa repercussão, fazendo com que o jovem pesquisador fosse convidado para participar de dois importantes trabalhos sobre educação, um coordenado pelo respeitado educador Jaime Abreu e outro, a pedido do grande mestre Anísio Teixeira, “Fontes para o Estudo da Educação”. Na condição de pesquisador do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), trabalhou intensivamente para a realização dessa obra. Era desejo do mestre Anísio Teixeira que todos os Estados do país produzissem trabalhos semelhantes. Mas só a Bahia atendeu ao seu apelo, sendo publicado o resultado da pesquisa em dois alentados volumes. Não seria de estranhar que o mestre Anísio Teixeira o tenha convidado para trabalhar no Centro Regional do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos –

CRINEP – ligado ao Ministério da Educação, exercendo a função de documentarista. O seu interesse pelo problema educacional fez surgir, em 1968, publicado pelo CRINEP/MEC da Bahia o estudo *Duas reformas educacionais na Bahia: 1895 e 1925*, Sátiro Dias e Anísio Teixeira, focalizando dois momentos de destaque dos esforços voltados para uma melhor política educacional na Bahia.

Ainda na tumultuada década de 1950, precisamente em 1958, João Falcão, Zitelmann de Oliva e Milton Cayres de Brito decidiram fundar o *Jornal da Bahia*. Esse trio transferiu sua combatividade para o jornal. Zitelmann de Oliva, velho amigo de Luis Henrique, convidou-o para ser um dos cronistas do jornal. Aceitou. Exercera todas as funções jornalísticas em *O Momento*, mas nunca havia sido cronista. Agora deveria preencher três vezes por semana uma coluna intitulada “Cidade, Homens e Bichos”. Vasconcelos Maia, aclamado contista, foi seu companheiro no jornal, autor também de três crônicas semanais na coluna “Dia sim, dia não”.

Jorge Amado, que então retornava para Salvador, gostou das crônicas de Luis Henrique. Combinou publicá-las em livro. Assim surgiu o primeiro livro de crônicas de Luis Henrique com repercussão nacional, *Moça sozinha na sala*, editado pela Martins e depois premiado (Prêmio Carlos de Laet) pela Academia Brasileira de Letras.

O cronista Luis Henrique ressurgiu no jornal *A Tarde*. Mais amadurecido, recebeu elogios pelo bom nível literário de suas novas crônicas. Foram reunidas no livro *Homem deitado na rede* que demorou de vir a público. A vigência da ditadura militar não favoreceu o seu lançamento. Oficiais do Exército sediados em Salvador não aceitaram o fato de que desde 1952 Luis Henrique se havia desligado do Partido Comunista e embargaram a publicação do seu trabalho. Decidiram prendê-lo e processá-lo, como veremos adiante. Agora, vale lembrar que, nessa conjuntura, aqueles chamados de comunista carregavam peso condenatório equivalente aos que hoje suportam os tachados de terroristas.

A despeito desta retomada literária, no início de 1959 o cronista tornou-se diretor do Arquivo Público da Bahia por indicação

do secretário da Justiça do Governo do general Juracy Magalhães (abril 1959 – abril 1963), Josaphat Marinho. O receio de ser a sua indicação rejeitada pelo governador, visto que o havia criticado severamente quando trabalhava em *O Momento* desapareceu ante elogiosas referências que lhe foram feitas. O grau de generosidade e de compreensão de Juracy Magalhães pode ser avaliado quando nos lembramos que o jovem jornalista Luis Henrique concluíra um dos seus comentários políticos n’*O Momento* sugerindo que o Juracy fosse “chupar um picolé”.

Ao entrar no Arquivo Público, o novo diretor constatou que havia documentos espalhados por todos os lados, desde a porta de entrada, seguindo por cada degrau da escada que dava acesso ao primeiro e ao segundo pisos. Havia mais de 100 funcionários sem funções definidas. Luis Henrique fez uma cuidadosa relação com os nomes daqueles que trabalhavam e os daqueles que não trabalhavam. Levou a relação ao secretário de Justiça, Josaphat Marinho, que removeu todos os que não trabalhavam. Em decorrência, ganhou o rancor dos demitidos e uma campanha movida pelo ex-diretor Mário Almeida.

Durante pouco mais de 10 anos na direção daquela importante instituição, Luis Henrique deu-lhe nova organização, a ponto de ser elogiado pelo governador Juracy Magalhães, que o distinguiu como o melhor dos seus diretores. Tornaram-se amigos.

Bolsista do INEP, ligado ao mestre Anísio Teixeira, Luis Henrique foi escolhido, juntamente com Raimundo Mata, para passar dois anos nos Estados Unidos realizando estudos e pesquisas. Porém, a Embaixada norte-americana negou-lhe o visto. Anísio Teixeira aguardava um funcionário da Embaixada dos Estados Unidos. Foi enviado um funcionário panamenho, que instruiu Luis Henrique a escrever uma carta para o jornal *O Globo* declarando que não era militante do Partido Comunista; que era liberal-democrata no exercício de sua profissão de jornalista. “Que decide?” perguntou-lhe o homem. Luis Henrique respondeu: “Decido que não escreverei essa carta; a minha condição de ex-militante do Partido Comunista é

decisão pessoal”. Há tempo que deixei o Partido Comunista. O funcionário insistiu: “O senhor recusa?”

– Recuso, foi a resposta.

O funcionário retirou-se em seguida. O mestre Anísio Teixeira ficou ofendido com o veto da Embaixada norte-americana. Chamou Lucia Pinheiro, sua secretária, e comunicou-lhe: “Vamos mandar o professor Luis Henrique à Europa. Quero para ele um passaporte diplomático e vou conceder-lhe auxílio de 1.400 dólares”.

O professor Luis Henrique telefonou para a esposa: “Laurita, prepare-se! Vamos à Europa.” Além de professor, era cronista do *Jornal da Bahia* e membro do Sindicato dos Jornalistas. Essas situações permitiam-lhe abatimento na passagem aérea. Voou com Laurita pela Panair. Foi recebido em Lisboa com a maior cortesia pelos primos portugueses. Professores portugueses retribuíam-lhe a solidariedade que o professor Luis Henrique lhes concedeu no 2º Colóquio Luso-Brasileiro, realizado na Universidade Federal da Bahia.

O golpe militar de 1964 espalhou terror ao conclamar “democratas” a denunciar quantos comunistas tivessem conhecimento. Três velhos professores do Colégio da Bahia denunciaram os colegas Arari Sampaio Muricy, Paulo Fernando de Moraes Farias e Luis Henrique Dias Tavares como perigosos comunistas. O professor Luis Henrique era catedrático da Faculdade de Filosofia por concurso realizado em 1961 e diretor do Arquivo Público. Esta era a verdade. Foi reconhecida pelo secretário de Segurança Pública, coronel Francisco Cabral, que o interrogou e atestou que nada tinha de comunista.

Ao ser nomeado governador pelo marechal Castelo Branco em 1967, Luis Viana Filho convidou Luis Augusto Fraga Navarro de Brito para secretário de Educação e Cultura. Navarro convidou o professor Luis Henrique para dirigir o Departamento de Ensino Superior e de Cultura (DESC). Sabia que Luis Henrique fora comunista e declarou: “Isso é coisa do passado” e o nomeou diretor do DESC.

Entre as tarefas do DESC não se deve incluir a realização da 2ª Bienal de Artes Plásticas. Havia uma comissão chefiada pe-

los artistas Juarez Paraíso e Riolan Coutinho. O DESC não teve qualquer envolvimento com a Bienal. Era decisão do governador Luiz Viana. No dia 13 de dezembro de 1968 ocorreu o ato ditatorial AI-5. Foi o mais drástico de todos os atos até então editados e deu lugar a novos 12 atos cerceadores das liberdades públicas e individuais. Basta mencionar o fechamento do Congresso Nacional e dos legislativos estaduais. Logo ocorreram prisões, torturas e “desaparecimentos”.

Pelo que nos interessa de imediato, o AI-5 fez com que o comandante da 6ª Região Militar, general Abdon Sena, se revestisse da postura de Governador. Acreditando-se nessa condição, fazia restrições ao secretário Luis Navarro de Brito e aos seus auxiliares.

Quando a 2ª Bienal de Artes Plásticas foi inaugurada, o general Abdon Sena ordenou que ocupassem o Convento da Lapa. Concentraram a violência contra o quadro que representava um chimpanzé fardado de general. Outros quadros foram considerados imorais e desrespeitosos. A Bienal fechou.

Certa noite daquele dia, o professor Luis Henrique regressava para casa quando o chamaram pelo telefone do seu vizinho. Do outro lado da linha, era o seu conhecido coronel Luiz Artur: “Luis Henrique, por favor, venha aqui na Polícia Federal. Preciso conversar com você”.

Eram cerca de sete horas da noite quando atendeu Luis Arthur. Foi recebido amigavelmente. O Coronel pediu-lhe para esperar. Passado algum tempo, comunicou-lhe: “Convidei-o para conversarmos por ordem do general Abdon Sena”.

Na sede da Polícia Federal, então na rua do Bispo, estavam recolhidos Juarez Paraíso e Riolan Coutinho, identificados como “pistoleiros de Fidel Castro”. Maltrataram Juarez raspando-lhe a barba. O professor Luis Henrique não voltou para casa. Através de telefonema para o vizinho, o seu filho Luis Guilherme, diante do acontecido, pegou o carro e foi levar ao pai objetos pessoais, como escova de dentes, sabonete etc.

O professor universitário, doutor em História, pesquisador, diretor do Arquivo Público, intelectual nacionalmente respeitado,

Luis Henrique Dias Tavares foi recolhido no Quartel de Narandiba no dia 23 de dezembro de 1968, ante-véspera do Natal.

Ficou detido durante 19 dias num quarto onde havia outras quatro camas, pouco depois ocupadas por quatro sindicalistas da Petrobrás cheios de cerveja. Os militares continuaram a fazer prisões. Sucederam ininterruptamente.

Alguns detidos foram transferidos para a enfermaria do Quartel de Narandiba.

O professor Luis Henrique foi submetido a interrogatório na 6ª Região Militar no dia 1º de janeiro. Queriam saber como havia permitido exposição de quadro de Lênio Braga que representava general como chimpanzé. Também implicaram com outros três quadros que representavam três pênis eretos. Um militar comentou: “Gostei da viadagem!”

Luis Henrique estava preso quando a filha Milena nasceu. No dia 3 de janeiro, ele a visitou com o apoio de soldados que o conduziram. Na prisão, sofreu torturas psicológicas. O escritor, deputado e amigo Wilson Lins acompanhou Laurita numa visita ao general Abdon Sena. O militar o escutou. Mas só o libertou alguns dias depois. Assim foi feito. O professor Luis Henrique voltou à direção do DESC, do Arquivo Público do Estado e à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Era a 2ª semana de janeiro de 1969.

No período em que o professor Luis Henrique dirigiu o DESC foram lançados dois números da revista *Bahia de Todos os Santos*. O poeta Humberto Fialho Guedes fez os dois números, realizando um projeto de cultura aberta. Um dos poemas do jovem Anísio Melhor Filho constituía numa exaltação a Che Guevara. Os dois números seguintes foram censurados, acontecendo o mesmo com os comentários relativos à publicação das obras do poeta satírico Gregório de Mattos e Guerra.

O professor Luis Henrique foi intimado a responder processo pelos dois números da revista. Não tomou conhecimento. O processo seguiu à revelia.

Em janeiro de 1970 informaram ao governador Luis Viana Filho (abr. 1967-jan. 1971) que o secretário de Educação, Luis Augusto

Fraga Navarro de Brito, inovador, criativo, dedicado, foi ameaçado de prisão pelo general Abdon Sena. Anísio Teixeira providenciou para que ele fosse adido da Unesco em Paris. Navarro viajou sem a família.

No dia 14 de março de 1971 o corpo do notável educador Anísio Teixeira foi encontrado morto no fosso do elevador do edifício onde morava o membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. O mestre Anísio Teixeira havia visitado o conhecido lexicógrafo, no 13º andar, obedecendo ao tradicional ritual cumprido por candidato a cadeira na ABL. A versão oficial de “acidente” não foi questionada por um país mergulhado nas trevas. Perdeu-se a voz mais alta da educação no Brasil. Restou a suspeita de assassinato..

No dia 1º de novembro, às 6:30 horas da manhã, a campanha tocou na porta da residência do professor Luis Henrique na rua Esperanto, 70. Era um oficial militar acompanhado de cinco soldados. O oficial declarou: “Venho para prender o professor Luis Henrique e levar todos os livros subversivos”. Os filhos do professor, Luis Guilherme e Sérgio Alexandre, dormiam no quarto em que havia estantes. O oficial olhou e disse: “Não temos condições de levá-los”. Em seguida conduziu o franzino professor para a Base Aérea. Ali estava preso o engenheiro e ex-deputado federal Fernando Santana. Pouco depois, chegaram três sargentos da Aeronáutica.

O mestre Luis Henrique confessou-me: “Eu sentia que ia desaparecer”. Sentou-se na cama e escreveu um texto bastante pessoal.

O major que procedeu ao inquérito escutou duas vezes a Luis Henrique e a Fernando Santana. Após a segunda vez, comunicou-lhes que ia libertá-los. Fernando Santana declarou ao oficial que construíra os edifícios da Base durante a 2ª Guerra Mundial.

Saíram da Base Aérea para casa. Por uma triste coincidência, estava ocorrendo o enterro de Walter da Silveira.

Em 1972, quando ministro da Educação era o coronel Jarbas Passarinho, o reitor da UFBA, Lafayette Pondé, comunicou a Luis Henrique: “Acabo de receber telegrama do ministro Passarinho comunicando-me que estava assinando o arquivamento do processo

contra o professor Luis Henrique. Agora eu sou o responsável por você. Não me cause problema”.

O processo arquivado pedia a aposentadoria do professor, artifício para afastá-lo do ensino, pondo fim à atividade que não só sustentava a ele e a sua família como já se havia constituído na sua própria razão de viver.

Certa feita, perguntei ao mestre Luis Henrique:

– Professor, que influência essa experiência exerceu sobre o senhor?

– Essa foi uma experiência fora de mim. Não mudei. Continuei o mesmo professor, tempo integral e dedicação exclusiva.

Esta é uma declaração verdadeiramente altruísta. Não tenho dúvida de que foram experiências que o atingiram profundamente, e também à sua família. Mas a sua firmeza de caráter e poder de pensamento fez com que ricocheteassem nele todos os males intentados como se estivesse revestido de uma armadura de aço inquebrantável. Quiseram humilhá-lo, mas só fizeram engrandecê-lo na sua condição de ser humano, de literato, de historiador e, especialmente, na de professor. Sua produção intelectual cresce a cada dia. Agora mesmo concluiu uma novela, “Nas margens, no leito seco”, na qual vinha trabalhando.

Ao aposentar-se do ensino, no Estado e na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, passou a se dedicar mais à literatura, se bem que, muito requisitado, continuou a atender os convites que lhe eram e continuam a ser dirigidos, participando de seminários, proferindo conferências e palestras, nunca faltando às reuniões da Academia de Letras da Bahia. Para a UFBA, além da sua rica biblioteca, doou muito da sua vitalidade, através de ativa e constante atuação no Departamento de História da FFCH, na qual, além do exercício diário da cátedra, foi chefe de Departamento, de Colegiado, coordenador e reestruturador do Curso de Mestrado, ao qual conferiu maioria graças à sua intensiva atuação junto a altos órgãos federais, como CAPES e o CNPq, além de organizações externas como a Fundação Rockefeller. Ainda encontrava energia

para colaborar com o conselho editorial e com outras atividades nas câmaras altas da UFBA.

A despeito de sua vocação literária – basta lembrar que Luis Henrique ocupa hoje a cadeira nº 1 da Academia de Letras da Bahia, entregou-se com mais fervor à História, pelo que o seu nome é respeitado no país e no exterior. Os seus trabalhos de criteriosa pesquisa e interpretação de fatos e do processo histórico em muito enriqueceram a historiografia brasileira e preencheram enormes lacunas na História da Bahia. Além dos já citados *História da sedição intentada na Bahia em 1798* e da sua riquíssima *História da Bahia*, farei breve referência a mais alguns.

A Independência do Brasil na Bahia, outra obra sem par, foi publicada em 1977. Tornou inquestionável a sua tese de que só após a vitória final no 2 de julho de 1823 pode-se afirmar que o Brasil se tomou independente de Portugal. Graças, sobretudo, ao suor e sangue dos nossos índios, dos escravos negros, brancos pobres, vaqueiros, e seus respectivos descendentes, oriundos das diversas comarcas do Recôncavo açucareiro e do sertão boiadeiro. Todos homens pobres. Enfrentaram não só as armas inimigas, mas também a fome dizimadora e doenças mortais, como a tuberculose, o impaludismo, o tifo e outros males. Mas foi graças à luta do mestre Luis Henrique junto aos poderes constituídos que a data do 2 de Julho se tornou referência nacional. Convenceram-se os historiadores, políticos e a população do país que só após a derrota final das forças portuguesas no seu último reduto, o Brasil foi unificado e se formou a independente nação brasileira. Por este trabalho foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Comércio Proibido de Escravos foi publicado pela Ática em 1988. É uma de suas publicações historiográficas mais recentes, ousada e inovadora nas questões que levanta e sustenta analisando as atividades das principais nações capitalistas envolvidas, com destaque para a Inglaterra e os Estados Unidos. Revelou inquestionáveis indícios do forte envolvimento desses países no comércio proibido de escravos. Além de cobrir vasta bibliografia,

suas afirmações foram sustentadas por documentos inéditos, pesquisados em Londres principalmente no Public Record Office e na British Library, além de outras bibliotecas universitárias e institutos situados na cidade de Londres. Não deixou de pesquisar importantes documentos nos arquivos de Lisboa e nos situados na Bahia e no Rio de Janeiro. Este importante trabalho foi possível graças ao apoio do CNPq que lhe concedeu bolsa de estudos e pesquisa para cumprir programa de pós-doutorado na University College of London – Institute of Latin American Studies. Não por acaso ocupa lugar de destaque na historiografia brasileira.

Aplaudido por sua produção literária, reconhecido e reverenciado nacionalmente por sua obra historiográfica, Luis Henrique Dias Tavares foi constantemente professor. Durante cerca de 40 anos ensinou na graduação e pós-graduação do Departamento de História da UFBA. A sua dedicação e realizações de destaque nesta instituição valeram-lhe o título de Professor Emérito, que o consagrou como um dos pilares dessa acatada instituição.

A sua contribuição ao ensino da Educação na Universidade Estadual da Bahia (UNEB) foi solenemente reconhecida com a outorga do título de Professor Honoris Causa em março de 2009.

Certa feita, o mestre José Calasans Brandão da Silva disse que “Luis Henrique participa e sofre com o drama cotidiano de amigos, familiares e alunos”. É verdade. Ele é um homem permanentemente voltado para os problemas humanos, pelos quais sofre, numa quase angústia. José Calasans completou dizendo que ele é todo coração. O grande Jorge Amado, que também o conheceu, afirmou que no peito do mestre Luis Henrique “pulsa um coração tão grande como o mundo”. Que mais se poderia dizer? Apenas, obrigado mestre, por se fazer presente quando o chamamos, pelo muito que nos ensinou, por sua imensa capacidade de compreensão, por sua atraente produção literária e notável contribuição historiográfica. Obrigado, por estar sempre conosco, mestre querido.

Salvador, 29 de janeiro de 2012.

Consuelo Novais Sampaio é membro da Academia de Letras da Bahia. É professora aposentada da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. É mestre e doutora pela The Johns Hopkins University. É autora, dentre outros, do livro *Poder e Representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937* (1992).

Referências

Bahia. “Luis Henrique”. *Revista Exu*. 29 (set-out 1992): 3-8.

Bahia. Manuel Passos. Entrevista com Luis Henrique Dias Tavares, 03 set. 2003.

Bahia. “Luis Henrique”. Entrevista realizada por Consuelo Novais Sampaio em março de 2006.

Edivaldo Boaventura. “Luis Henrique Dias Tavares, o Homem, a Obra e o Tempo”. Conselho Estadual de Cultura. 07 fev. 2006.

Colofão

Formato	15 x 22,5 cm
Papel	Alcalino 75 g/m ² (miolo) Cartão Supremo 300 g/m ² (capa)
Tipologia	Goudy Old Style
Impressão	EDUFBA
Acabamento	Cian Gráfica
Tiragem	400 exemplares

Falar do mestre Luis Henrique é falar de toda uma geração por ele preparada para palmilhar os caminhos e veredas escorregadias da História da Bahia. Aqueles que não se incluem nessa categoria certamente se deliciaram com as suas crônicas, contos e novelas, como a que acaba de escrever, *Nas margens, no leito seco*, na lucidez dos seus 86 anos de vida intensivamente produtiva. Poucos, como eu, tiveram a sorte de tê-lo como guia ao longo da vida acadêmica. Por isso, devo ter cuidado para não derrapar e falar sobre mim mesma, pois a ele estou ligada desde o curso científico, no Ginásio da Bahia. Até os dias de hoje.

Consuelo Novais Sampaio
(Posfácio)

